

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ANELIZE GABRIELE PERESSUTE

**IDENTIFICAÇÃO DOS FATORES DE INFLUÊNCIA NO  
TREINAMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM ÊNFASE  
NO FUTEBOL**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2017

ANELIZE GABRIELE PERESSUTE

**IDENTIFICAÇÃO DOS FATORES DE INFLUÊNCIA NO  
TREINAMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM ÊNFASE  
NO FUTEBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, do Curso de Bacharelado em Educação Física do Departamento Acadêmico de Educação Física - DAEFI da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Paula Cabral Bonin Maoski

CURITIBA

2017



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica  
Federal do Paraná  
Campus Curitiba

Gerência de Ensino e Pesquisa  
Departamento de Educação Física  
Curso Bacharelado em Educação  
Física



---

---

## TERMO DE APROVAÇÃO

### IDENTIFICAÇÃO DOS FATORES DE INFLUÊNCIA NO TREINAMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM ÊNFASE NO FUTEBOL

Por

**ANELIZE GABRIELE PERESSUTE**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado em 27 de outubro de 2017 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Educação Física. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado**.

---

Prof. Dra. Ana Paula Cabral Bonin Maoski  
Orientadora

---

Prof. Dr. Anderson Caetano  
Membro titular

---

Prof. Me. André Felipe Caregnato  
Membro titular

## RESUMO

PERESSUTE, Anelize. Identificação dos fatores de influência no treinamento de crianças e adolescentes com ênfase no futebol. 2017. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Bacharelado em Educação Física) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. Curitiba, 2017.

Cabe aos professores de educação física e técnicos esportivos, dentro de sua atribuição, a missão de estimular o desenvolvimento de forma equilibrada das capacidades técnicas, físicas, psicológicas e táticas de seus alunos, proporcionando um caminho seguro para a formação biopsicossocial destes, fazendo do esporte algo a ser apreciado. Tendo em vista a importância dessa missão, o objetivo deste estudo é identificar os fatores de influência no treinamento de futebol de crianças e adolescentes entre as categorias sub-11 e sub-17 em escolinhas esportivas na cidade de Curitiba/PR. No que se refere aos procedimentos metodológicos, a presente pesquisa é de caráter qualitativo, com ênfase no processo descritivo e interpretativo das informações e, quanto aos meios, utiliza-se de pesquisa bibliográfica e entrevistas semiestruturada sendo a análise de conteúdo a forma escolhida para interpretação dos dados obtidos. A amostra foi composta por cinco participantes, sendo estes treinadores das escolinhas de futebol previamente escolhidas, tendo como critérios de inclusão aqueles treinadores que trabalhavam dentro da faixa etária estudada e excluídos aqueles que não possuem registro no conselho regional de Educação Física (CREF-PR). Dentre os resultados encontrados, verificou-se que três das cinco escolinhas analisadas, realizavam avaliações para “filtrar” os alunos, decidindo se estes permaneciam na escola, ou não, sendo que a maioria pretendia ainda formar atletas, e conceituavam o sucesso da modalidade através do número de atletas formados. Os treinadores enfatizaram que a influência dos pais é muito grande no processo de formação dos meninos, sendo que a cobrança para que estes se tornem atletas é muito grande por parte dos pais. O contexto cultural, também foi apontado como um fator que interfere no ensino do futebol, sendo que no Brasil, o sonho de se tornar jogador profissional é grande pela maioria dos meninos. O sistema imposto aos treinadores também apareceu como fator que colabora para que os jovens comecem a modalidade mais cedo e sejam encaminhados precocemente para categorias de base. Por fim, cabe destacar a pretensão quanto a formação de atletas, a vivência prévia com o futsal, a especialização precoce, o sucesso esportivo, e a influência dos pais, como alguns dos fatores de influência no treinamento de crianças e adolescentes. Saliencia-se portanto, a importância da compreensão desses fatores dentre os indivíduos que atuam direta e indiretamente com o processo de ensino-aprendizagem dessas crianças e adolescentes como forma de fazer com que o futebol seja uma grande ferramenta não só de treinamento, mas também de formação pessoal.

**Palavras Chave:** Crianças. Adolescentes. Treinamento. Futebol.

## ABSTRACT

PERESSUTE, Anelize. Identification of the factors of influence in the training of children and adolescents with an emphasis on soccer. 2017. 17 p. Completion of course work (Bachelor's Degree in Physical Education) – Federal Technological University in Physical Education- UTFPR. Curitiba, 2017.

It is incumbent upon physical education teachers and sports technicians, within their attribution, to stimulate the balanced development of the technical, physical, psychological and tactical capacities of their students, providing a safe path to the biopsychosocial formation of these, making the sport something to be enjoyed. Considering the importance of this mission, the objective of this study is to identify the influence factors in the soccer training of children and adolescents between the sub-11 and sub-17 categories in sports schools in the city of Curitiba / PR. As far as methodological procedures are concerned, the present research is qualitative, with emphasis on the descriptive and interpretative process of the information and, in terms of means, bibliographic research and semi-structured interviews are used, content analysis being the form chosen for interpretation of the data obtained. The sample consisted of five participants, being these trainers of soccer schools previously chosen, with inclusion criteria being those coaches who worked within the studied age range and excluding those who do not have a record in the Regional Council of Physical Education (CREF-PR). Among the results, it was verified that three of the five schools analyzed, made evaluations to "filter" the students, deciding whether they stayed in school or not, and most wanted to train athletes, and conceptualized the success of the modality through of the number of athletes created. The coaches emphasized that the influence of the parents is very big in the process of training the boys, and the charging for them to become athletes is whopping on the part of the parents. The cultural context has also been pointed out as a factor that interferes with the teaching of soccer, and in Brazil, the dream of becoming a professional player is big for most of the boys. The system imposed on trainers also appeared as a contributing factor for young people to start early and to be referred early for basic categories. Finally, it is important to emphasize the pretension regarding the formation of athletes, the previous experience with futsal, the precocious specialization, the sports success, and the influence of the parents, as some of the influence factors in the training of children and adolescents. Therefore, the importance of understanding these factors among individuals who act directly and indirectly with the teaching-learning process of these children and adolescents as a way to make football a great tool not only for training, but also for personal formation.

**Key words:** Children. Adolescents. Training. Soccer.

## **LISTA DE GRÁFICOS**

GRÁFICO 1- IDADE INICIAL QUE PRATICA A MODALIDADE.....	22
--	----

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1- RELAÇÃO ENTREVISTAS E TRANSCRIÇÃO.....	20
QUADRO 2- TREINADORES NOMEADOS.....	20
QUADRO 3- OBJETIVOS DO TREINADOR A.....	28
QUADRO 4- OBJETIVOS TRAÇADOS PELO TREINADOR E.....	29
QUADRO 5- QUANTIDADE E DURAÇÃO DOS TREINOS.....	34
QUADRO 6- COMPARAÇÕES ENTRE OS AUTORES EM RELAÇÃO AOS FATORES QUE DEVEM SER TRABALHADOS.....	47
QUADRO 7- IDADE IDEAL PARA A INSERÇÃO DE COMPETIÇÕES.....	48
QUADRO 8- APLICAÇÕES DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM-TREINAMENTO.....	57
QUADRO 9- COMPETÊNCIAS APONTADAS PELOS TREINADORES.....	58
QUADRO 10- DENOMINAÇÃO DO PÚBLICO E NÚMERO DE CITAÇÕES.....	61
QUADRO 11- ÍNDICE DE APROVEITAMENTO SEGUNDO OS TREINADORES...63	

## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 1- QUATRO FASES DO DESENVOLVIMENTO MOTOR.....	4
FIGURA 2- METODOLOGIAS DE ENSINO.....	9
FIGURA 3- UNIDADES RELACIONADAS À INICIAÇÃO ESPORTIVA.....	14
FIGURA 4- REDE DE EVIDÊNCIAS.....	15

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
1.1 JUSTIFICATIVA	1
1.2 PROBLEMA OU HIPÓTESE	2
1.3 OBJETIVOS	2
1.3.1 Objetivo geral	2
1.3.2 Objetivo(s) específico(s)	2
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>3</b>
2.1 O desenvolvimento e aprendizagem motora de crianças e adolescentes e o benefício da prática do futebol no desenvolvimento motor	3
2.2 A pedagogia do esporte relacionada à iniciação esportiva	5
2.3 O benefício da prática do futebol no desenvolvimento motor	7
2.4 Metodologias aplicadas no treinamento	8
2.5 Fatores de influência no futebol e no sucesso esportivo	9
2.6 O processo de ensino-aprendizagem-treinamento para crianças e jovens	11
2.7 A iniciação esportiva e a especialização precoce	13
<b>3 METODOLOGIA DE PESQUISA</b>	<b>17</b>
3.1 TIPO DE ESTUDO	17
3.2 POPULAÇÃO / AMOSTRA / PARTICIPANTES	17
3.2.1 Critérios de Inclusão	18
3.2.2 Critérios de Exclusão	18
3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS	18
3.3.1 Instrumentos	18
3.3.2 Procedimentos	18
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	19
<b>4 RESULTADOS</b>	<b>20</b>
<b>5 DISCUSSÃO</b>	<b>46</b>
<b>6 CONCLUSÃO</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>71</b>
<b>ANEXO I</b>	<b>77</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O futebol atualmente caracterizado como um esporte amplo, altamente difundido por escolas, possibilita ao praticante uma grande contribuição de fatores essenciais para seu desenvolvimento motor (GUEDES; BARBANTI, 1995). Sabe-se que cabe aos professores de educação física e técnicos esportivos a missão de estimular o desenvolvimento de forma equilibrada das capacidades técnicas, físicas, psicológicas e táticas de forma constante para que assim haja acréscimo na formação integral do indivíduo (MATTA; GRECO, 1996). Nesse processo, que os autores chamam de ensino-aprendizagem-treinamento, deve-se proporcionar ao indivíduo um caminho seguro para a formação biopsicossocial aonde ele goste de praticar esporte podendo querer ser um atleta no futuro, ou como apenas forma de lazer.

As escolinhas de futebol, presentes em larga escala em nosso país, promovem o futebol para as crianças e adolescentes. Porém, segundo Paoli (2007) há um imediatismo e uma pressão para descoberta de novos talentos, realizando-se avaliações prematuras, aumentando ainda a possibilidade de erro, pois mesmo que crianças e adolescentes atendam a determinados requisitos, não é certo que os mesmos irão despontar (PAOLI, 2007). Diante desse cenário, é importante analisar como está sendo realizado o ensino do futebol pelos treinadores nas escolinhas identificando ainda quais são os fatores que influenciam no processo de formação esportiva.

### 1.1 JUSTIFICATIVA

O estudo irá proporcionar o parâmetro que está sendo investigado no treinamento de futebol com crianças e adolescentes, nos possibilitando a identificação e análise dos fatores de influência nesse processo. O estudo irá contribuir para os profissionais de educação física, e para a sociedade como um todo, propondo soluções e intervenções para futuros planejamentos no ensino do esporte na sociedade.



Academicamente, o estudo irá complementar as informações já adquiridas durante toda a graduação, nas áreas da pedagogia, do treinamento e do futebol. Além de ampliar a visão prática das vivências dentro do esporte, englobando os profissionais e alunos no contexto estudado. Há um número muito pequeno de estudos que identifiquem quais são os fatores de influência como um todo no treinamento de futebol, a maioria deles trata prioritariamente da iniciação esportiva precoce (BARBIERI, 2007; FONSECA et al., 2014; NETO, 1996; VIEIRA, 1989) ou da pedagogia do esporte como um todo (PAES, 2005, REVERDITO et al., 2009). Em nenhum dos casos há intervenções, ou investigações mais aprofundadas no tema. Os estudos na maioria dos casos se atêm apenas à literatura já existente. Há estudos que analisam a prática pedagógica, utilizando-se de entrevista com os técnicos, porém, a amostra é de crianças nas categorias sub-7 e sub-9, não questionando a prática especializada do futebol nas crianças (REZER, 2004). Pessoalmente esse estudo irá aumentar a gama de conhecimentos, propondo novas áreas de estudo, e possíveis intervenções no futuro ao aplicar o ensino de futebol em minha profissão.

## 1.2 PROBLEMA

Quais são os principais fatores de influência no treinamento de futebol para crianças e adolescentes entre as categorias sub-11 e sub-17 em escolinhas esportivas na cidade de Curitiba/PR?

## 1.3 OBJETIVOS

### 1.3.1 Objetivo geral

De que maneira os fatores de influência apresentam-se no treinamento de futebol para crianças e adolescentes entre as categorias sub-11 e sub-17 em escolinhas esportivas na cidade de Curitiba/PR.

### 1.3.12 Objetivo(s) específico(s)

Entender a importância da pedagogia do esporte no processo de iniciação esportiva;

Classificar a metodologia adotada nas escolinhas analisadas dentro das fases do processo de ensino-aprendizagem-treinamento;

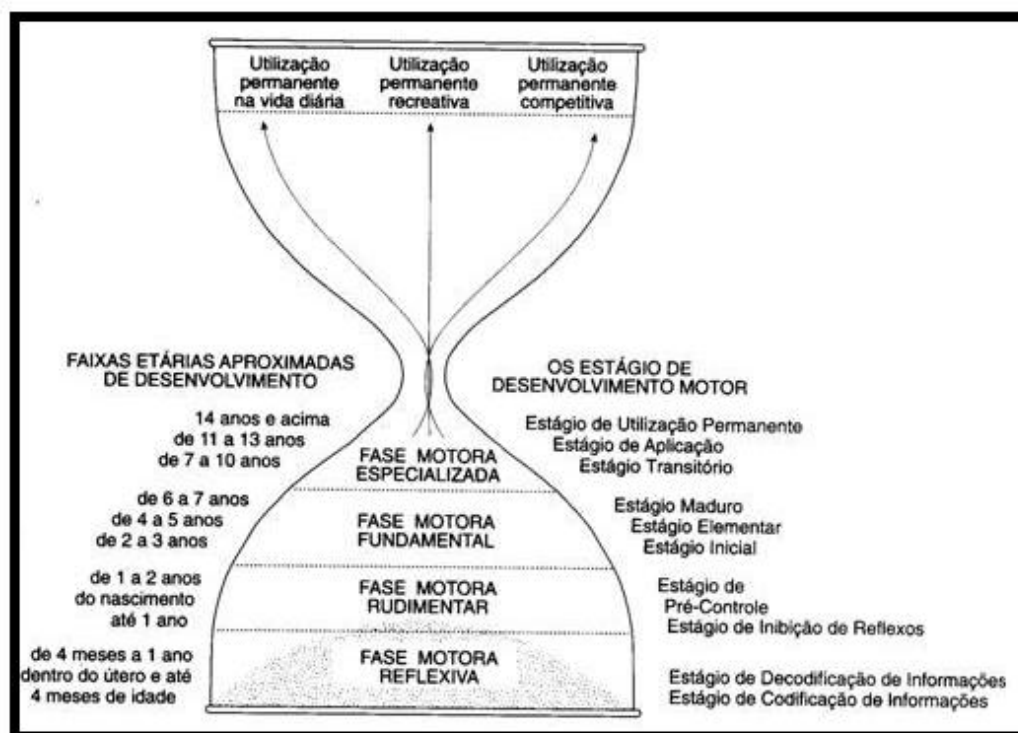
Conhecer as diferentes opiniões dos treinadores acerca do contexto do futebol aplicado nas escolinhas.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 O DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM MOTORA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

O desenvolvimento motor refere-se a séries de mudanças no movimento contínuo e associado à idade, “bem como às interações das restrições (ou fatores) no indivíduo, no ambiente e nas tarefas que levam a essas mudanças” (HAYWOOD; GETCHELL, 2010). Já a aprendizagem motora refere-se aos benefícios relativamente permanentes em habilidades motoras relacionadas à prática ou à experiência (SCHMIDT; LEE, 2005).

Gallahue e Donnelly (2008) propõe quatro fases do desenvolvimento motor correspondente às respectivas faixas etárias e estágios de desenvolvimento (conforme figura 1).



**Figura 1- Quatro fases do desenvolvimento motor**  
**Fonte: Marques, et. al (2013)**

As faixas são as seguintes: Fase Motora Reflexiva; Fase Motora Rumidentar; Fase Motora Fundamental; e Fase Motora especializada. No presente estudo, iremos detalhar as fases motora fundamental e especializada. Há 3 subdivisões na fase motora fundamental, que são o estágio inicial, o estágio elementar e o estágio maduro. No estágio maduro (6,7 anos) há o desenvolvimento e integração de todos os fundamentos que incluem um padrão de movimento eficiente. Porém, esse movimento eficiente só se tornará possível se a criança for estimulada de maneira correta. Se esse estímulo não acontecer, haverá uma falha no desenvolvimento de padrões maduros de desenvolvimento fundamental o que acarretará numa limitação na aquisição de habilidades esportivas especializadas na segunda infância (entre 8 e 12 anos de idade), adolescência e até na idade adulta (GALLAHUE, DONELLY; 2008). Se as habilidades fundamentais não forem bem trabalhadas, não haverá uma base para as habilidades esportivas, o que produzirá fracasso e frustração.

A fase motora especializada abrange o estágio de transição, aplicação e de utilização vitalícia. O estágio de transição abrange desde os 7 anos, até os 10 anos. Nesse período há o interesse, ou deveria ter o interesse, da criança por vários esportes, sem ela ter entretanto, habilidades em qualquer um deles. Se as

habilidades fundamentais não tiverem sido trabalhadas de maneira adequada na fase anterior, muito provavelmente a criança terá problemas em adquirir as habilidades esportivas necessárias para a fase atual; esse fenômeno é chamado de “barreira de proficiência.” De acordo com os autores, essa barreira apresenta um dilema no qual muitas vezes a criança terá interesse de adquirir habilidades esportivas, porém não terá nem as habilidades motoras fundamentais para conseguir o desejado. Essa criança não é “um caso perdido”, porém, terá de adquirir as habilidades fundamentais para depois conseguir as esportivas, tendo um atraso em seu desenvolvimento motor. Enfatiza-se portanto que é dever do profissional educar a criança fisicamente respeitando as etapas de seu desenvolvimento, para que ela atinja os resultados por ela mesma almejados. Uma aplicação prática desse princípio no futsal, seria o uso da habilidade fundamental de chute, utilizada em atividades orientadas, aonde o chute é usado na habilidade esportiva de driblar e chutar. Esta habilidade é trabalhada em treinos de repetição, e posteriormente em atividades já orientadas como fintar a defesa e realizar o chute a gol (GALLAHUE, DONELLY; 2008).

De acordo com os autores citados acima, o próximo estágio, que pertence à fase motora especializada, é denominado de fase de aplicação e abrange desde os 11 anos até os 13 anos de idade. Nessa fase a criança deve utilizar de seus conhecimentos e habilidades adquiridos anteriormente para executar determinada atividade num contexto recreativo e já em um contexto competitivo. Somente nessa fase é que teoricamente, as crianças tem a vivência necessária e experiências suficientes para escolher a qual modalidade seguir. Essa escolha é acompanhada de um “desejo por competência” aonde a criança irá buscar por um padrão de performance, que inclui precisão e exatidão; além de habilidades mais refinadas e estratégias que serão usadas no jogo.

Ainda segundo os autores, a fase de utilização vitalícia é a última pertencente à fase motora especializada e se inicia nos 14 anos, se perpetuando ao decorrer da vida. Nela são enfatizadas atividades específicas às determinadas modalidades, no que se refere a um nível competitivo ou apenas recreativo.

## 2.2 A PEDAGOGIA DO ESPORTE RELACIONADA À INICIAÇÃO ESPORTIVA

A pedagogia na prática fundamenta-se na diversidade e no princípio de um bom ensino de esporte a todos, tendo a missão de fazer do esporte algo a ser apreciado. Sua metodologia de aprendizagem se desenvolve em cima do jogo, aonde esse é aprendido e compreendido na prática, desenvolvendo-se tanto a capacidade cognitiva, quanto a capacidade motora do indivíduo (REVERDITO, et al; 2009).

O esporte inserido enquanto conteúdo de educação física possui relação invariável com a educação, e isso tem se mostrado no decorrer da história. Porém, o que o esporte pretende atualmente, é educar as pessoas para determinados objetivos específicos, partindo de um paradigma reducionista, alicerçado em ideais previamente estabelecidos, sem levar em conta a necessidade e diversas possibilidades da maioria das pessoas (PAES, BALBINO; 2005).

Segundo Reverdito e colaboradores (2009) há problemas caracterizados pelo desprezo em relação às dimensões sensíveis do indivíduo, a procura por um modelo ideal de futuro atleta, as aspirações quase sempre de mercado, o investimento na especialização precoce e à formação de equipes de competição, a remodelação de modelos competitivos e a competição sendo utilizada como um meio de avaliação.

De acordo com os autores, esses problemas encontrados hoje devem ser solucionados e transpassados já que esse modelo ensinado atualmente nas escolas, escolinhas de futsal e clubes não está de acordo com a própria definição da pedagogia que estabelece o esporte como um meio de interação e integração das pessoas que o praticam. O que acontece na prática é a exclusão de uma grande parte das crianças que procuram as diferentes modalidades (PAES, BALBINO; 2005).

Dentro desse contexto também, é importante analisar as competências do treinador esportivo num contexto de pedagogia do treinamento. O treinador é um agente pedagógico, uma peça muito importante para a investigação e reflexão pelo fato de exercer grande influência nos atletas tanto em comportamentos, atitudes, ideais como em orientações (BENTO, et. al; 1999). O treinador esportivo tem a missão fundamental não de educar para o esporte, mas sim de educar pelo esporte (OTÁÑEZ, 2000). Ainda segundo Bompa (2002) “um treinador lidera, organiza, planeja o treinamento e educa o atleta” através do treinamento desportivo.

Além de atuar nessa função, o treinador é também um professor que tem a responsabilidade de manter uma relação agradável com o aluno. O educador deve

transmitir ao aluno um conhecimento que se traduz em alegria, e para esse alcance da alegria, o educador tem que manter uma relação muito próxima do aluno, revivendo os sentimentos e aspirações dos alunos “como se fossem as dele” (SCAGLIA, 1996).

O professor não deve necessariamente ser um grande atleta, mas sim um professor que saiba ensinar. Se esse dever não é executado, o esporte se torna um fator de exclusão social, deixando de ser um agente de inclusão social já que aquele que joga bem, tem seu lugar garantido, e aquele que não joga bem fica excluído e não tem a oportunidade de se desenvolver (MAIA, MONT'ALVÃO; 2008).

Para que o esporte seja trabalhado de maneira correta, é necessário um planejamento para que as crianças e adolescentes tenham constante evolução durante o processo. Esse processo recebe um nome específico e será abordado no próximo tópico do referencial teórico.

### 2.3 O BENEFÍCIO DA PRÁTICA DO FUTEBOL NO DESENVOLVIMENTO MOTOR

O futebol por ser um esporte amplo e dinâmico, possibilita um leque de vivências que trazem consigo componentes que contribuem para o desenvolvimento das crianças e adolescentes. Dentre esses componentes, estão a força, velocidade, coordenação e inteligência tática (FILGUEIRA; GRECO, 2008). O ensino desse esporte pode propiciar ao jogador o aprimoramento de seu potencial técnico-tático relacionando-o a aspectos físicos e psicológicos (GRECO, et al; 2010). Ao se analisar e diagnosticar os níveis de desempenho motor, poderá ser observado um aumento nos níveis de capacidades motoras, favorecendo ainda a “prevenção, conservação e melhoria da capacidade funcional”, levando à resultados extremamente favoráveis à saúde e qualidade de vida em crianças e adolescentes (GUEDES; BARBANTI, 1995).

O principal objetivo quando se trabalha com o futebol com as crianças, é o de formar seu intelecto, a sua motricidade e sociabilidade; buscando assim formar um indivíduo saudável, ético e que seja inserido na sociedade. A socialização é um dos fatores mais importantes nesse processo; e pode contribuir para o aspecto sócio-afetivo. A literatura mostra que no início da atividade, as crianças parecem inibidas

tanto no aspecto motor quanto no social, e após alguns meses de prática, essas mesmas crianças estão integradas satisfeitas com a atividade (SOUZA, 2004).

## 2.4 METODOLOGIAS APLICADAS NO TREINAMENTO

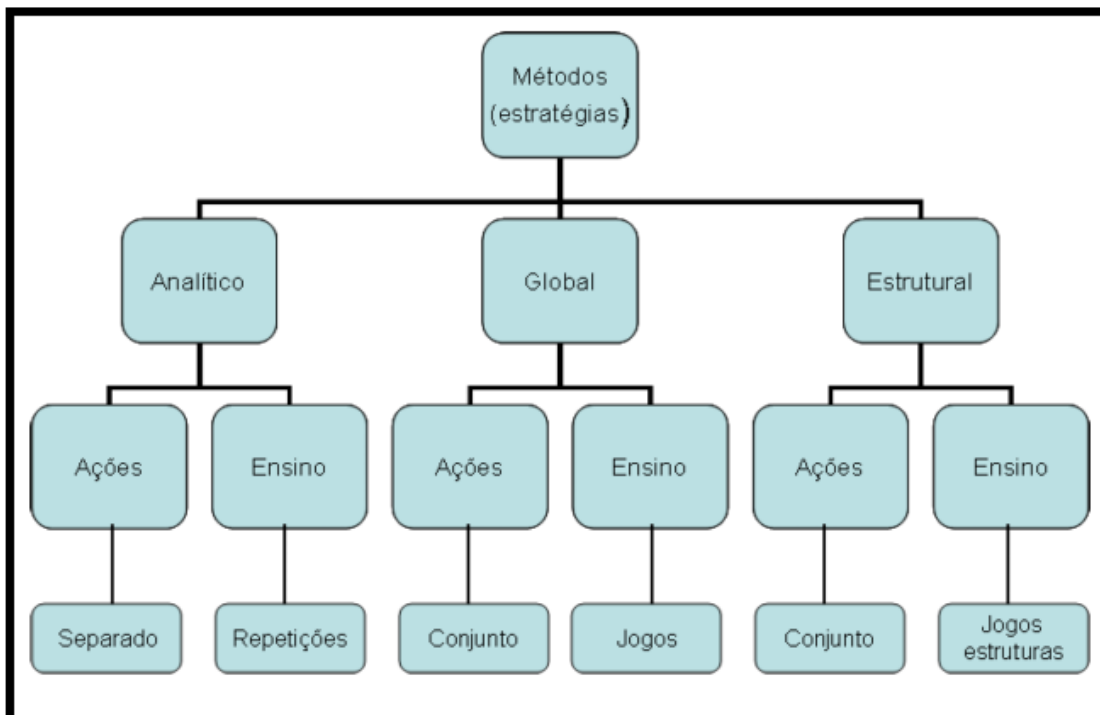
Os métodos de ensino são conhecidos como estratégias de ensino inseridos nas modalidades esportivas coletivas e essas estratégias devem contemplar capacidades motoras e cognoscitivas, a constante motivação para a aprendizagem, as tarefas e suas complexidades, e a relação professor-aluno (COSTA; NASCIMENTO, 2004; BOLAÑOS, et. al; 2009). De acordo com Mattos (1974) o método de ensino inclui a organização racional dos possíveis recursos e procedimentos que podem ser utilizados para atingir um objetivo da melhor forma possível. Segundo Bolaños e colaboradores (2009), não existe um único método a nível universal que seja válido para cumprir com os objetivos.

Segundo Greco (1998) há duas metodologias de ensino mais utilizadas: o método analítico-sintético e o método global funcional. O método analítico-sintético é caracterizado pela fragmentação dos exercícios, tendo uma ênfase na perfeita execução da técnica, esta muito importante para um bom jogo. A evolução dos alunos e de suas ações motoras ocorrerá então por repetição. Ainda segundo o autor, o método global funcional se atém a jogos recreativos organizados de acordo com a faixa etária correspondente, sendo realizados ajustes com os determinantes do treinamento. O jogo bem trabalhado pode aumentar o rendimento dos alunos, sua aprendizagem e posterior treinamento.

Além dessas duas metodologias, há ainda a teoria estruturalista que possibilita o desenvolvimento de esquemas, experiências competitivas, integrando formas jogadas, incluindo ainda a resolução de problemas, hábitos de jogo e melhora da adaptação e criatividade (BAYER, 1979; MOMBAERTS, 1998). Segundo Thorpe, Bunker & Almond (1984) há ainda, dentro dessa teoria, quatro princípios pedagógicos a serem trabalhados. O primeiro deles inclui a escolha de jogos que proporcionem várias experiências aos alunos, fazendo com que esses consigam entender os elementos táticos do jogo. O segundo se caracteriza pela simplificação do jogo formal através de alterações no tempo e espaço e materiais utilizados. O terceiro aspecto a ser trabalhado deve colocar os alunos dentro de situações

específicas do jogo, colocando-os em cenários de superioridade ou inferioridade numérica. O quarto e último princípio pedagógico deve ser a complexidade tática trabalhada de acordo com o passar do tempo, de modo progressivo.

Bolaños e colaboradores (2009) esquematizaram os três métodos da seguinte forma, segundo figura abaixo (figura 2):



**Figura 2- Metodologias de ensino**

**Fonte: Bolaños, et. al (2009).**

## 2.5 FATORES DE INFLUÊNCIA NO FUTEBOL E NO SUCESSO ESPORTIVO

De acordo com Barros (2008), o futebol está estruturado em torno de quatro vertentes, estas que influenciam e muito a prática da modalidade. A questão física é a primeira vertente e envolve as capacidades físicas de resistência, força e velocidade, estas que devem ser aperfeiçoadas durante a trajetória do indivíduo. Durante a faixa etária analisada no presente estudo, há um aumento da massa corporal e da altura, e a resistência, tanto anaeróbia e aeróbia devem ser bem estimuladas nesse período (BARROS, 2008). Segundo Weineck (2004) a resistência aeróbia deve ser trabalhada por meio da realização de pequenos jogos, variando a intensidade e volume, e a resistência anaeróbia trabalhada com o próprio jogo que possibilita confrontos frequentes com o adversário e a aprimora a funcionalidade



individual de cada indivíduo. A força é outra capacidade física muito importante, sendo dividida em força máxima, força rápida e da resistência de força, e sendo aplicada de acordo com os objetivos do treinador em relação à sua equipe. A velocidade inclui uma boa decisão, reação, percepção, e ação, todas essas aplicadas em situações de jogo (BARROS, 2008).

Barros (2008) relata ainda que a questão técnica é a segunda vertente e, de acordo com Freire (1998), as habilidades técnicas que são necessárias para a modalidade, são as seguintes: finalização, passe, controle de bola, condução, desarme, drible, lançamento, e defesas (para o goleiro). Esses recursos devem ser trabalhados durante o período da especialização. A questão tática é a terceira vertente, e se divide em princípios táticos defensivos e princípios táticos ofensivos. Romero (2006) propõe divisões dentro desses princípios, no contexto defensivo estão as ações de retardar, equilibrar, e recuperar; já no contexto ofensivo estão as ações de controle, mobilidade, penetração e improvisação.

A questão psicológica é a última vertente (BARROS, 2008). O autor afirma que a especialização acontece justamente na adolescência que é o maior período de modificação psicológica e física da vida de um jovem. De acordo com Thomas (1983) durante um treinamento acontece a formação de processos psicofísicos e psíquicos, que iniciam, preparam, e avaliam a ação desportiva. Galatti (2006) situa o aspecto psicológico como uma intervenção do técnico-professor, destacando a autoconfiança, autoestima e consciência do grupo, tendo ainda o fato de que as experiências adquiridas no ambiente esportivo irão contribuir ou de forma positiva ou de forma negativa para o autoconceito do aluno.

Rees e colaboradores (2016) apontam diversos fatores que podem influenciar no sucesso do atleta. Dentre os fatores ligados ao indivíduo, o primeiro deles é a idade. Ela é vista pelos autores como uma possibilidade, aonde o efeito da idade relativa<sup>1</sup> se relaciona a uma distribuição tendenciosa das datas de nascimento dos atletas, com uma sob-representação daqueles que nascem no início do ano competitivo e uma sub-representação daqueles que nascem no futebol. Isso, segundo os autores, foi observado em alguns casos no futebol.

O segundo fator que os autores propõem é a questão genética aonde se leva em conta quais são os perfis genéticos que contribuem de forma mais

---

<sup>1</sup> Termo original conhecido como *Relative age effect* (RAE).

importante para o desempenho esportivo. As variantes de genes específicos podem influenciar a participação na atividade física. Rees e colaboradores (2016) citam um projeto denominado “Geneathlete” que ao comparar amostras atléticas com sedentários, afirma que 66% da variação pode sim ser explicada por fatores genéticos.

O terceiro fator é a antropometria e fatores fisiológicos. Porém, na adolescência há variabilidade individual no crescimento, assim como a instabilidade das medidas antropométricas e fisiológicas levando à uma limitação para aqueles que tem a finalidade de identificar talentos. Há ainda muitas alterações hormonais durante a fase da puberdade o que resulta em mudanças fisiológicas e físicas. Além então desse fator, deve estar vinculado a esse o uso de testes fisiológicos durante o processo de treinamento.

O quarto fator é citado como habilidades psicológicas e orientações motivacionais. Os autores Rees e colaboradores (2016) afirmam que os melhores atletas têm níveis de motivação, confiança e controle mais altos. Além de possuírem mais resistência mental e maior habilidade de lidar com a adversidade. O último fator influente no indivíduo são os traços de personalidade, aonde observou-se que aqueles quem tem mais otimismo e busca pelo perfeccionismo são mais bem sucedidos, porém, os autores afirmam que esse recurso não deve ser usado para identificação de talentos.

## 2.6 O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM-TREINAMENTO PARA CRIANÇAS E JOVENS

O processo de ensino-aprendizagem-treinamento como o próprio nome já diz, apresenta relação entre o ensino, a aprendizagem e o treinamento. Para compreender esse processo há a necessidade da definição de treinamento e aprendizagem.

O treinamento é um processo organizado, que tem por finalidade o alcance de um nível suficiente de desempenho, através da interação de um conjunto de elementos de coordenação, psíquicos e de características pessoais; além disso, apresentando ainda como objetivo a procura pela estabilidade durante a competição, mantendo um bom desempenho (MARTIN, 1991).

A aprendizagem é um meio pelo qual se objetiva a obtenção e automatização de técnicas motoras e habilidades. Estas são resultado de um sistema planejado constituído de etapas variadas, tendo objetivos previamente definidos a serem completados em cada uma dessas etapas. O objetivo final ambiciona por um melhor desenvolvimento da coordenação da ação do sistema nervoso central com o sistema neuromuscular (GRECO, BENDA; 1995). De acordo com esses autores, a aprendizagem motora é uma fase inserida no processo de ensino-aprendizagem-treinamento, compreendendo o treinamento como aquele que inclui os processos de ensino aprendizagem; sendo assim, não existe um sem o outro.

Greco e Benda (1995) sugerem uma divisão do processo de ensino-aprendizagem-treinamento em sete fases. A primeira fase é denominada de pré escolar (3-6 anos) na qual se trabalha o sistema cognição-emoção-motivação. Alguns exemplos de atividades recomendadas são aquelas de deslocamento, equilíbrio e relação tempo-espço que incluam ultrapassagem e diversos chutes ao gol. Jogos de imitação também são recomendados, ao a criança observar seu companheiro fazendo diversos gestos, tentando imitar (GRECO, BENDA; 1995).

A segunda fase é denominada de universal (6-12 anos). Nela, deve-se desenvolver todas as capacidades motoras e coordenativas, com muitas movimentações sendo feitas, ressaltando bem o lúdico. O jogo a ser realizado deve ser feito num espaço de campo reduzido, com equipes com jogadores reduzidos. Deve-se criar situações em que ocorra um contato frequente com a bola (GRECO, BENDA; 1995).

De acordo com os autores citados acima, a terceira fase, denominada de orientação, abrange dos 12 aos 14 anos. Nessa fase as capacidades anteriormente trabalhadas devem ser aperfeiçoadas, além disso, deve-se iniciar uma iniciação técnica, porém, passando por diferentes modalidades esportivas, para criar um acervo motor. No futebol, técnicas como chute, cabeceio, e domínio, devem ser trabalhados.

A quarta fase, de direção, abrange dos 14 aos 16 anos e se caracteriza como aquela em que a especialização técnica começa, podendo ser feita em uma ou duas modalidades. Os exercícios com relação ao futebol, devem ser mais complexos e como forma de solucionar a tarefa motora, mais de uma técnica deve ser exercida (GRECO, BENDA; 1995).

Os autores afirmam que especialização acontece na quinta fase, abrangendo dos 16 aos 18 anos onde o potencial físico, assim como o técnico e tático, é aperfeiçoado e otimizado para servir de alicerce aos comportamentos táticos de maior complexidade. Ocorre uma maior participação em competições.

Na sexta fase, denominada de aproximação, abrange-se dos 18 aos 21 anos. Esta é a fase aonde geralmente ocorre o direcionamento se um jogador amador será profissional. Seu maior rendimento é buscado, e deve-se atentar ao fato de esperar pela hora certa de lançar o jogador em meio profissional (GRECO, BENDA; 1995).

Por fim, Greco e Benda (1995) descrevem a última fase, esta denominada de alto nível e que acontece a partir dos 21 anos. Essa é uma fase de otimização aonde tudo o que foi trabalhado anteriormente, dentre os aspectos cognitivos e psicológicos é estabilizado. A carga e volume de treinamento são aumentados significativamente.

## 2.7 A INICIAÇÃO ESPORTIVA E A ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE

Entende-se por iniciação esportiva o período no qual a criança “começa a prática regular e orientada de uma ou mais modalidades esportivas” de modo que consiga dar prosseguimento ao seu desenvolvimento completo (RAMOS, NEVES, 2008). Embora o conceito de iniciação esportiva seja relativamente simples, o sistema no qual ela está inserida é consideravelmente complexo. Santana (2002) compôs um esquema dentro do qual estão presentes várias unidades que interferem nesse processo da iniciação esportiva, conforme é possível visualizar na figura abaixo (figura 3):



**Figura 3- Unidades relacionadas à iniciação esportiva**

Fonte: Santana (2002).

O autor afirma que esse é um sistema dinâmico, que pode mudar constantemente e que possibilita inúmeras relações entre seus componentes. O autor defende essa complexidade ao invés de um pensamento simplista. Além desse sistema, ele propõe ainda uma rede de evidências que reafirmam sua posição, conforme figura exposta abaixo (figura 4), e que pode ser muito interessante para este estudo, já que a maioria dos fatores citados por esse autor tem relação com o processo de iniciação esportiva precoce sendo que esses fatores podem ser aqueles que desencadeiam o processo.

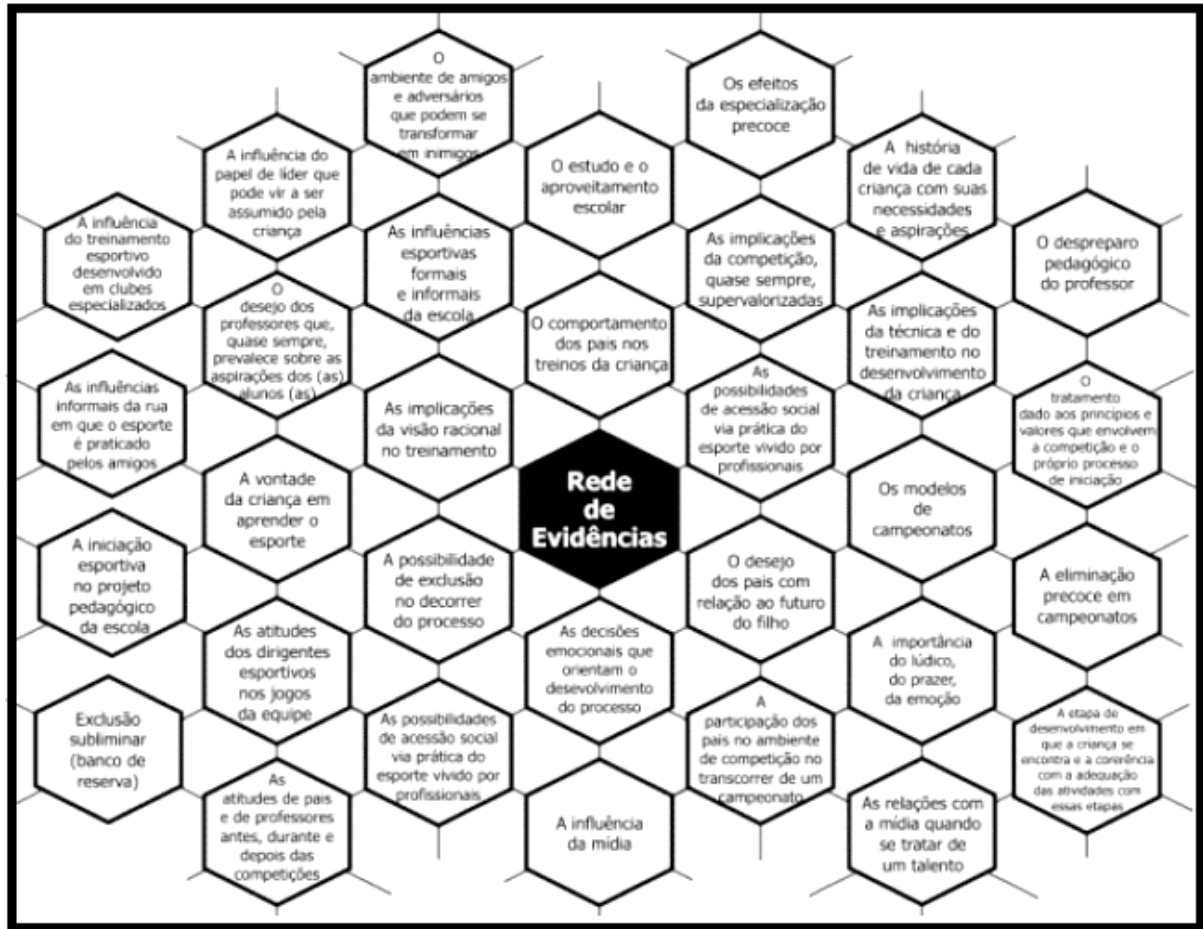


Figura 4- Rede de evidências

Fonte: Santana (2002).

Segundo Barros (2008) a especialização implica em definir programas de treinamento específicos para uma modalidade específica que gere mudanças anatômicas, cognitivas e fisiológicas, estas relacionadas ao desporto. Antes de estudarmos mais a fundo esses fatores que levam à especialização precoce, precisamos conceituá-la. Segundo Barbanti (2003) essa denominação expressa o processo por meio do qual as crianças “tornam-se especializadas” em alguma modalidade em uma idade anterior à adequada. Kunz (1994) afirma que essa especialização precoce se efetiva em três treinos semanais, tendo como objetivo um aumento constante de rendimento, havendo participações em competições antes da fase pubertária. De acordo com Neto (1996) a especialização precoce cobra da criança mais do que ela consegue retribuir quando se refere a termos fisiológicos e psicológicos.

Muitos são os fatores a serem levados em conta quando tratamos da iniciação esportiva, e os prós e contras devem ser listados para que possamos analisar o contexto como um todo, para chegarmos a uma conclusão. Dentre as justificativas para aqueles que são a favor da especialização precoce, está a de que quanto antes iniciar a prática da modalidade, maiores são as chances de preparar um futuro atleta, e ter assim vantagens em cima de outras equipes já dentro das competições (RÉ, et. al; 2004).

Além dessa vantagem, vemos que rapidamente há o desenvolvimento da prestação esportiva nas fases iniciais, gerando realização por parte dos treinadores já que eles conquistam resultados rápidos dentro de suas equipes. Porém, junto com esse desenvolvimento há um esgotamento precoce da capacidade de rendimento, ocorrendo então as chamadas “barreiras de desenvolvimento” (MARQUES, 1999).

Dentre os defensores da especialização precoce estão Bento (2006) e membros da *Fédération Internationale de Médecine Sportive* (1997), sendo que o primeiro afirma que o treinamento precoce pode ter a capacidade de melhorar a autoestima, a sociabilidade, e a segurança, evidenciando ainda que o esporte apresenta ganhos físicos, psíquicos e sociais. Contudo, é importante relativizar que o esporte por si mesmo já tem a capacidade de inserir a criança num bom ambiente social, melhorando assim a sua autoestima e conseqüente segurança, portanto, presume-se certa incoerência na fala do autor ao afirmar que o treinamento precoce é quem possibilita isso.

Já os membros da *Fédération Internationale de Médecine Sportive* afirmam que o esporte de competição proporciona ganhos físicos, intelectuais e emocionais da criança e do adolescente, desenvolvendo ainda autoconfiança e a socialização. Entretanto como Barbieri (2007) aponta em seu estudo, os próprios membros entram em contradição ao afirmarem que o treinamento intensificado “não tem justificativa fisiológica nem educacional”, muito pelo contrário, proporciona um estresse físico e mental no processo de treinamento.

Há muitos problemas listados na literatura com relação à especialização precoce, dentre eles estão os problemas biológicos, sendo que a demanda de exercício feita de maneira intensa prejudica o crescimento e desenvolvimento da criança e adolescente, além dos problemas afetivo-sociais, com constante busca de vitória, levando a atitudes anti-desportivas (NETO, 1996). Com o ritmo frenético da

competição, há sentimentos de medo e insegurança, quando deveria haver prazer com a participação de jogos e brincadeiras (BARBIERI, 2007). Além disso, existe o risco das lesões precoces, já constatadas por Marques e Oliveira (2001) e que são resultantes de cargas especializadas precocemente.

Em estudo feito por Fonseca (2014), cujo objetivo foi identificar o nível de abandono das crianças que praticavam futsal ao longo de um período pré-determinado, verificou-se que o mais elevado índice de abandono foi na categoria de iniciação, concluindo-se que quanto mais novo fosse o praticante, maior a chance de esse indivíduo abandonar a prática esportiva. Diante desse cenário, é importante entendermos o que está acontecendo nas escolinhas de futebol, como os técnicos estão aplicando seus treinamentos.

### **3 METODOLOGIA DE PESQUISA**

#### **3.1 TIPO DE ESTUDO**

A presente pesquisa é de caráter qualitativo, com ênfase no processo descritivo e interpretativo das informações e, quanto aos meios, utiliza-se de pesquisa bibliográfica e entrevistas (GIL, 1995).

A pesquisa qualitativa é caracterizada por preocupar-se com aspectos da realidade que não tem como serem quantificados, “centralizando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Esse fenômeno pode assim “ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte”, quando analisado em uma perspectiva integrada. Dessa forma, o pesquisador vai a campo buscando o fenômeno a ser estudado a partir da perspectiva das pessoas que estão envolvidas, levando em conta todas as informações pertinentes ao estudo (GODOY, 1995).

#### **3.2 POPULAÇÃO / AMOSTRA / PARTICIPANTES**

A amostra foi composta por 5 participantes, sendo estes treinadores das escolinhas de futebol previamente escolhidas. Quatro das cinco escolinhas de futebol são escolinhas propriamente ditas e cobram mensalidade de seus alunos,



enquanto que uma das escolinhas (escola 4) trabalha com categorias de base sub-12 e sub-14. Todas as escolas participam de competições. Os treinadores foram nomeados da seguinte forma: Treinador A (correspondente à escola 1), B (correspondente à escola 2), C (correspondente a escola 3), D (correspondente à escola 4) e E (correspondente à escola 5). A amostra foi caracterizada por não probabilística ou não aleatória, sendo que os sujeitos escolhidos estavam dentro dos critérios.

### 3.2.1 Critérios de Inclusão

Treinadores que trabalhem dentro da faixa etária a ser estudada no presente trabalho (10 aos 16 anos).

### 3.2.2 Critérios de Exclusão

Treinadores que não possuem registro no Conselho Regional de Educação Física (CREF-PR).

## 3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

### 3.3.1 Instrumentos

Entrevista semi-estruturada de acordo com a base da literatura (em anexo).

### 3.3.2 Procedimentos

As informações foram levantadas por um avaliador, e os treinadores foram contactados via email/telefone/pessoalmente. Foi explicado a eles o teor da pesquisa afim de saber se aceitam participar ou não. Após convite aceito eles assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e foi agendada a data da futura entrevista em local de preferência do entrevistado, ficando a pesquisadora totalmente responsável pelo deslocamento até o local escolhido pelo entrevistado. Foi encaminhado o roteiro de entrevistas com até 3 dias de

antecedência para que o entrevistado se sentisse mais confortável em respondê-las no dia da entrevista. Antes da entrevista foi revisado juntamente com o participante o conteúdo da pesquisa bem como foi garantido a ele seu anonimato, para que assim, ele estivesse a vontade de participar do estudo.

O estudo teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, tendo o seguinte número de parecer: 74983317.0.0000.5547.

### 3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi feita através da análise de conteúdo de Bardin (1979), á que esta possui “uma ancoragem consistente no rigor metodológico”, com uma organização favorável à compreensão aprofundada do método e, simultaneamente, produz percepções e significados na diversidade de amostragem comuns no mundo acadêmico (FARAGO et al., 2012).

A Análise de Conteúdo se define como uma união de de técnicas de análise das comunicações que aposta no rigor do método como forma de não se perder na heterogeneidade de seu objeto. O rigor, portanto, é o fundamento da Análise de Conteúdo, havendo-se a possibilidade de ultrapassar os níveis mais superficiais do texto, fornecendo técnicas precisas e objetivas que sejam suficientes para garantir a descoberta do verdadeiro significado (DEUSDARÁ; ROCHA, 2005).

A Análise de Bardin organiza-se em torno de três fases: 1) Pré-análise, 2) Exploração do material, e 3) Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A primeira fase da pré-análise pretende escolher os documentos que serão submetidos à análise, e formular hipóteses, objetivos, e indicadores que fundamentem a interpretação final. A segunda fase da exploração do material, que apresenta a tendência de ser a mais longa, consistirá em administrar sistematicamente as decisões tomadas. Na última fase do tratamento dos resultados obtidos assim como de sua interpretação, os resultados brutos serão tratados de maneira a serem significativos e válidos (BARDIN, 1979).

Tendo em vista o processo de transcrição das entrevistas, ao todo, as cinco entrevistas tiveram em média uma duração de 242 minutos de entrevista, sendo aproximadamente 4 horas ao todo, resultando em uma transcrição total de 152

páginas. A relação de duração de entrevistas e total de páginas de transcrição por escolinha está presente no quadro abaixo (quadro 1).

Escola	Duração de entrevista (min)	Páginas de transcrição
Escolinha 1	45	24
Escolinha 2	18	11
Escolinha 3	43	22
Escolinha 4	41	30
Escolinha 5	95	65
Total	242	152

**Quadro 1: Relação entrevistas e transcrição**

Fonte: Do autor (2017).

#### 4.0 RESULTADOS

No que se refere aos dados obtidos através das entrevistas realizadas com os treinadores selecionados e que atuam em escolinhas de Curitiba, optamos por dividi-los em quatro categorias: Características das escolinhas de futebol; Metodologia aplicada nas escolinhas; Aspectos do treinador; e a influência da família no processo de ensino. Entretanto, antes de dissertarmos sobre cada categoria, serão retratados dados gerais de todos os treinadores que foram nomeados de acordo com o quadro abaixo (Quadro 2).

Escolinhas participantes	Designação do Treinador na Pesquisa
Escolinha 1	Treinador A
Escolinha 2	Treinador B
Escolinha 3	Treinador C
Escolinha 4	Treinador D
Escolinha 5	Treinador E

**Quadro 2: Treinadores nomeados**

Fonte: Do autor.

A primeira informação geral coletada trata da formação acadêmica de cada técnico. Quatro treinadores são formados em Educação Física, sendo que dois deles fizeram o bacharelado (treinador A e treinador D), um deles fez licenciatura e atualmente está finalizando o bacharelado (treinador C), e um deles têm a licenciatura e o bacharelado (treinador E). O treinador B não é formado em

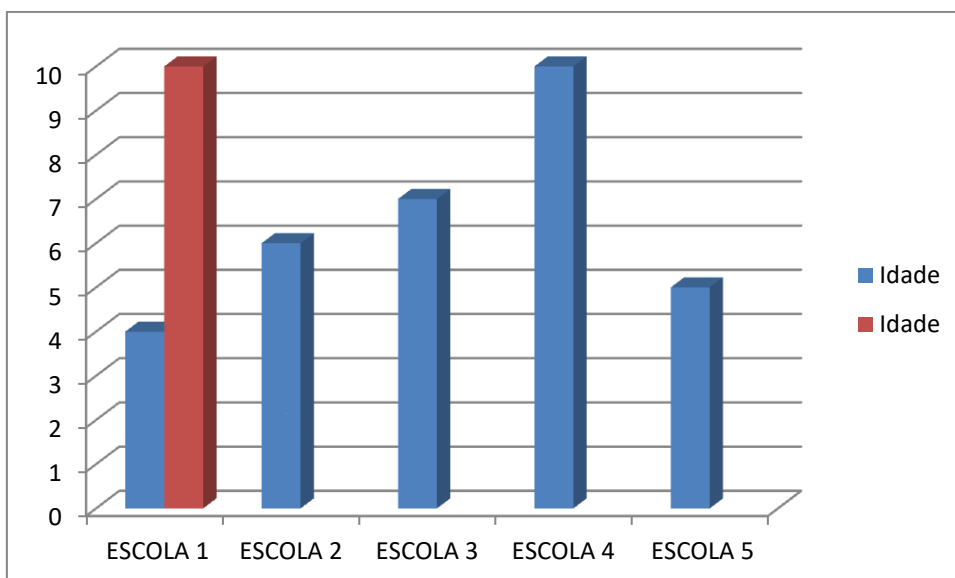
Educação Física e declarou-se “provisionado no futebol<sup>2</sup>”. No que se refere à pós-graduação, dois dos treinadores possuem especialização em treinamento desportivo (treinadores A e E), e um deles está, atualmente, fazendo a especialização em futebol (treinador D). O treinador A além de ter especialização em treinamento desportivo, tem também especialização em futebol e níveis C e B da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Os treinadores C, D e E se formaram em universidades particulares, e o treinador A se formou em universidade estadual.

Quanto a idade dos treinadores, três deles estão na faixa dos trinta anos, sendo que apenas um deles possui menos de trinta anos (treinador D com 24 anos) e outro que possui acima dos 40 anos (treinador B com 48 anos de idade). No que tange sua experiência na área do futebol, o treinador A relatou que é formado há 14 anos e que começou a trabalhar com futebol durante a faculdade, tendo 16 anos de experiência. Em contrapartida, embora não tenha feito faculdade, o treinador B trabalha com o futebol há 25 anos, sendo que, nesse período, está incluída sua experiência como atleta já que ele era atleta de futebol e conseguiu, posteriormente, com o curso do CREF, ser provisionado no futebol. O treinador C é formado a 2 anos mas como também foi atleta profissional, relatou estar a 30 anos no meio futebolístico. O treinador D, formado a 4 anos possui 6 anos de experiência na área do futebol e, portanto, também começou a trabalhar com o futebol durante a faculdade. O treinador E, embora tenha 5 anos de formado, trabalha com o futebol a 6 anos e foi atleta de futebol dos 12 aos 19 anos.

Ao passo de que as questões gerais já foram expostas, entraremos agora na primeira das categorias que são as características das escolinhas de futebol. A primeira questão levantada foi a idade em que se inicia a modalidade na escolinha, cujas respostas variaram, entre 4 anos até os 10 anos. Essa variação está representada no gráfico abaixo.

---

<sup>2</sup> Provisionado: Termo que designa o profissional autorizado pelo CONFEF/CRED a atuar em uma área específica em Educação Física, mesmo que este não possua graduação em Educação Física, devido a notório saber adquirido, desde que realize curso técnico disponibilizado pelo CONFEF/CRED (MENDES, 2010).



**Gráfico 1- Idade inicial que pratica a modalidade**

**Fonte: Do autor (2017).**

Na escolinha 1 há dois projetos distintos apontados pelo treinador, o projeto da escolinha e o projeto das equipes de competição; no primeiro se inicia com 4 anos e no segundo se inicia com 10 anos incompletos.

A pergunta sobre “a partir de que idade há a inserção de competições” gerou respostas bastante específicas de acordo com a metodologia adotada em cada escola. Na escolinha 1 por exemplo, dentro da divisão por eles proposta, a competição começa a partir dos 7 anos e, segundo o treinador, com um nível bem inferior como jogos no sintético e futebol de 7, ou seja, com algumas adaptações; enquanto que no projeto de competição se inicia com 10 anos. Ao ser questionado se era num contexto mais lúdico, o treinador afirmou que não necessariamente à medida que “hoje com os pais não tem quase nada lúdico”. O treinador B, da escolinha 2, afirmou que se inicia com 10 anos, mas ao ser questionado em relação aos mais novos, disse que com 8, 9 anos também já se disputam “alguns campeonatos”. Nas escolinhas 3 e 4 a competição começa com a equipe sub-11 e na escolinha 5 começa com a equipe sub-9.

Quanto ao questionamento sobre a existência de avaliação dos atletas e a partir de que idade isso acontece, na escolinha 1 o treinador afirmou que no projeto da escolinha não há avaliação, pois “entra qualquer um”, à medida que eles não possuem qualquer mecanismo de seleção como pré-requisito para início dos treinos na escolinha; contudo, na equipe de competição há avaliação nas crianças que vão

completar 10 anos. Ao ser questionado sobre como acontece essa avaliação, o treinador afirmou que o menino fica no mínimo uma semana treinando na escolinha, até o momento em que a comissão técnica consegue ter uma opinião formada a respeito e decide se ele vai entrar ou não para a equipe. Além dessa avaliação, existem ainda as “avaliações abertas”, cuja estratégia adotada pela escolinha é um anúncio através da rede social “facebook” sobre uma “grande avaliação” que acontece em 3 dias da semana. O técnico afirmou que na última que eles realizaram participaram em torno de 130, 140 meninos dos quais, de acordo com o treinador, apenas 15 integraram a equipe de competição.

Na escolinha 2 o treinador revelou que não é feita avaliação dos alunos tendo em vista que a escola serve para que eles aprendam a jogar futebol. Já na escola 3 eles avaliam a partir do sub-11, pois, de acordo com o seu treinador, é mais difícil avaliar os meninos mais novos. Na escola 4 o treinador também afirmou que essa avaliação começa a partir dos 11 anos e, segundo ele, é feita uma avaliação inicial para ver se o menino consegue ser inserido no processo de formação, ou seja, para ver se a escolinha observa perspectivas para o menino. Ainda de acordo com o treinador, essa avaliação é constante principalmente com os meninos que são da cidade de Curitiba. Ele ressaltou ainda que meninos de 11, 12, 13 anos estão sempre em oscilação, ou seja, o rendimento deles no treino varia muito, e isso deve ser levado em conta; porém, será observado se ele terá evolução, ou seja, “ganhos em cima do ensino-aprendizagem-treinamento”.

Na escola 5 não há avaliação inicial e o treinador revelou a necessidade de não privar os meninos de realizar uma atividade; segundo ele, o fato de ser uma “escolinha” já torna o ambiente inclusivo, não cabendo ao treinador dizer ao menino “não, [isso] você não pode fazer”. A exceção, segundo o treinador, é quando a turma está lotada, aí o menino fica na lista de espera. Além disso, uma forma de avaliação que a escola adota, é o direcionamento do menino de acordo com o seu nível e vivência para as competições e a observação dentro dessas competições; da mesma forma eles separam a categoria em dois anos: os primeiros jogam competições de nível iniciante e intermediário e no segundo ano da categoria que participam de competições mais avançadas. Ele explicou que essa separação ocorre devido ao fato de que os primeiros anos ainda não têm o suporte para competir num nível mais alto.

No que tange à intencionalidade da escola em “criar” futuros atletas e a partir de que idade têm-se esse direcionamento, a escola 1 não só pretende como já encaminha atletas. Segundo o treinador, eles já tem 2 meninos no Atlético-PR, 6 meninos no Joinville, e um menino jogando já na equipe profissional no Rio Grande do Sul. O treinador, acredita que o direcionamento deveria ser feito a partir dos 15 anos o, que segundo ele, não acontece porque os pais acabam achando melhor encaminhar antes os filhos/atletas, e assim já conseguem uma avaliação antes do período que esse treinador considera ideal. Ele também afirmou que não proíbe esse encaminhamento dos alunos para avaliações em clubes aconteça, embora não seja favorável a essa situação; segundo ele, o próprio já encaminhou meninos de 11, 12 e 13 anos mas ele disse que prefere preparar os meninos para que esses façam uma única avaliação e não retornem mais à escolinha.

O treinador da escola 2 afirmou que a princípio a ideia é formar atletas, mas que o intuito maior é a formação da pessoa; já, com relação ao direcionamento, ele afirmou que acontece por volta dos 14, 15 anos. O treinador da escola 3 corroborou como o treinador da escola 1 ao afirmar que possui atletas encaminhados para grandes clubes. E o fato de criar futuros atletas, segundo o treinador, é consequência do trabalho do dia a dia; ele afirmou que em 3 anos de trabalho tem 6 meninos em clubes como o Fluminense, Atlético-PR, Avaí, e Internacional. O treinador disse que se o atleta tem a condição e merecimento, não tem o porque eles “segurarem” o menino na escolinha. Quando questionado sobre a idade para saber desse direcionamento, ele afirmou que a partir dos 10, 11 anos, muito embora ele afirme que já encaixou atletas de 9 e 10 anos em clubes de futebol. O treinador disse ainda que isso acontece por que atualmente o futebol tornou-se prematuro e que os treinadores e as escolinhas tem que se adaptar à situação, ou seja “andar de acordo com aquilo que o sistema impõe”.

O treinador da escola 4 afirmou que formar atletas é o principal objetivo e que esse processo se inicia através da captação de atleta (com potencial técnico e cognitivo) para que, posteriormente, eles possam iniciar “num processo de formação do clube e concluir chegando à equipe profissional”. Em relação à idade para o direcionamento, ele afirmou que é muito difícil estipular uma idade, que não existe uma fórmula mágica para prescrever isso porque são muitas variáveis que interferem no processo, “tanto no processo de formação dentro do campo em

relação à capacidade, ao potencial do menino”. Além disso, além das variáveis externas como a influência de familiares e de terceiros ainda existe a influência da mídia que acaba interferindo na vida do atleta, portanto, é muito difícil afirmar que existe uma idade que possa ser atribuída à descoberta se o atleta será profissional ou não.

O treinador da escola 5 acredita que a idade adequada para ocorrer o direcionamento seria 12-13; 13-14 anos contudo, segundo ele, o que acontece no Brasil e mais especificamente no Paraná, é de 10 para 11 anos. Mas para esse treinador, “são dois anos de diferença que lá na frente vão fazer 10, 20 anos de diferença na vida do menino”. Ele afirmou que existem meninos com 11 anos que tem carga de treinamento de meninos de 16, de 17 anos, diante disso, a vida útil de atleta de um menino como esse, segundo o treinador, é curta. Ele diz ainda que a realidade no Brasil, é de que quanto antes o aluno iniciar a modalidade, melhores são os resultados. Diferentemente do que acontece fora do país, mais especificamente na Alemanha aonde tem atletas que se tornam profissionais depois dos 20 anos; de acordo com o treinador “até os 20 anos eles ainda são categoria de base, são juniores, eles tem competições, eles treinam, mas eles não são lançados para o profissional antes dos 20 anos”.

A segunda categoria formulada foi sobre a metodologia aplicada nas escolinhas, tendo como primeira pergunta se “há um planejamento feito de acordo com o aumento da idade dos jogadores”. Todos os treinadores responderam afirmativamente, porém quando questionados sobre o procedimento do planejamento e quais as principais diferenças entre as idades, cada um respondeu de maneira diferente. O treinador A afirmou que a principal diferença é a complexidade, sendo que o tipo de instrução e o nível de instrução variam conforme a idade. O planejamento de forma geral é fixo, tendo dias na semana em que se trabalha a técnica e tática individual, transição ofensiva e defensiva e organização coletiva ofensiva ou defensiva, sempre intercalando esses conteúdos. Os jogos também interferem no planejamento, sendo que é no jogo que o treinador afirmou que consegue ver “aquilo que saiu e aquilo que não saiu”.

O treinador B não detalhou como realiza esse planejamento, apenas afirmou que a “preparação na primeira idade é uma, na do meio é outra, e o mais velho é outra.” Ao ser questionado sobre o que seria essa primeira idade, ele afirmou que



sempre trabalha com 6, 7, e 8 anos como sendo primeira idade, 9, 10, 11, 12, 13 anos sendo a “do meio” e 14,15 e 16 anos sendo então os “mais velhos”.

O treinador C afirmou que esse planejamento de acordo com a idade é um processo essencial para um projeto de formação. É necessário haver diferentes metodologias para as categorias sub-11, sub-13, e sub-15. Já para as equipes das categorias sub-15 e sub-17, ele afirma que “pode se trabalhar quase da mesma forma”, tendo em vista que, segundo ele, os atletas já conseguem suportar naturalmente uma carga de trabalho “muito mais forte” do que em comparação com atletas da categoria sub-11. Quando questionado sobre as principais diferenças, ele afirmou que deve haver uma evolução do jogador e isso não acontece só por conta da idade. Essa evolução constrói-se em torno de aspectos técnicos, táticos, físicos e psicológicos. Segundo o treinador, esse é o processo de cada dia. O atleta tem que ter esse pensamento de evolução, sempre estar melhorando, e se ele “impor isso na sua trajetória, a possibilidade de ele dar certo é grande”.

O treinador D, assim como o treinador A, afirmou que a diferença é a complexidade. Sendo que a equipe da categoria sub-11 trabalha com situações menos complexas, com um procedimento de abordagem situacional mas não deixando de lado a parte analítica. Variando então desde a parte analítica até a parte situacional criam-se “situações mais complexas e com a capacidade do menino absorver todas essas informações”. O perfil do “menino” também deve ser levado em conta, assim como o perfil da categoria; à medida que é natural “amadurecimento tanto biológico, como emocional dentro do jogo” o treinador afirmou que se insere então problemas mais complexos.

O treinador E afirmou ter dificuldade em realizar treinamentos diferentes para cada categoria, “porque são dois treinos por semana, então seriam 10 treinos diferentes”. Tendo isso em vista, ele estabelece objetivos das categorias e tenta trabalhar em torno desses objetivos durante os treinamentos. Pode acontecer segundo o treinador de o “treinamento do 5” e o “treinamento do 7” serem os mesmos, mas com objetivos diferentes e da mesma forma o sub-11 e sub-9 bem como com o sub 13 e sub 15. E por fim, na categoria sub-17 já há uma cobrança maior em termos de resposta, complexidade e entendimento.

A segunda pergunta realizada foi sobre os aspectos importantes para que o treinador detecte a evolução dos atletas no processo de treinamento. O treinador A,

depois de uma longa pausa, afirmou que isso é muito subjetivo e mas visível em alguns momentos, como no jogo, em que se consegue observar se aquilo que foi treinado está sendo feito. O desempenho no treino também pode ser uma oportunidade para visualizar a ocorrência ou não da evolução. Segundo ele, “os próprios meninos dão sinais”, fazendo comentários uns dos outros sobre o progresso de cada um.

O treinador B também demorou a responder a pergunta, manifestando sinais de dúvida. Depois de um tempo razoável, afirmou que depende do estágio que o aluno chega na escola, e exemplificou que há alunos que ingressam na em um estágio “bem avançado”, ou em um estágio bem iniciante. Levando esses estágios em consideração, o maior aspecto de evolução observado é o treinamento segundo o treinador.

O treinador C foi enfático ao afirmar que há quatro aspectos necessários, para observar essa evolução, que é o aspecto tático, físico, técnico e psicológico. Esses aspectos segundo o treinador, não tornarão necessariamente os alunos em jogadores de futebol, mas sim em atletas. Um atleta de alto rendimento é sustentado nesses 4 pilares, independentemente da modalidade. Segundo ele, o futebol mudou muito com o tempo, sendo que antigamente o que era priorizado era apenas a parte técnica, “se você tivesse uma qualidade boa, na verdade uma qualidade muito boa, você ia ser jogador”; já hoje, “não basta mais”.

O treinador D se assemelhou ao treinador A ao afirmar que a reavaliação é o aspecto mais importante e que acontece em torno do que foi transmitido aos atletas. São os princípios e conceitos que são trabalhados durante o treino, e que irão ser aplicados na prática ou não, ou seja, “se ele consegue assimilar essa informação e executar dentro de campo”. Nesse sentido, essa transferência do que foi ensinado dentro do treino e aplicado no jogo se torna então um feedback para o treinador da evolução dos atletas.

O treinador E afirmou que depende da categoria. Na categoria sub 9 e sub 11, trabalha-se em cima do sistema de jogo e da organização. Já na categoria sub 13, 15 e 17, além do sistema de jogo trabalha-se com o modelo de jogo. Então o trabalho “começa a se desenvolver em cima de um sistema e em cima de um modelo. Do sistema com o modelo”. Se os alunos conseguem entender esse tipo de trabalho correspondente às suas categorias, há evolução.

O terceiro questionamento foi sobre os objetivos trabalhados com as diferentes categorias: desde a categoria sub 11, até a categoria sub 17. O treinador A afirmou que os objetivos de acordo com a faixa etária podem ser comparados a níveis, patamares. O quadro abaixo (quadro 3) descreve resumidamente os objetivos traçados pelo treinador.

Categoria	Objetivos
Sub 11	Adaptação aos espaços do campo, desenvolvimento técnico, desenvolvimento coordenativo intenso e tática individual.
Sub 13	Além da continuação do que foi trabalhado na categoria sub-11, aumentando a complexidade, trabalha-se também com a iniciação às estratégias de jogo a intensifica-se os estímulos voltados à parte física e ao desenvolvimento geral.
Sub 15	Iniciação à academia, com trabalho de força utilizando a “musculação convencional”. É realizado um trabalho físico intenso, e continua-se a aumentar a complexidade do jogo, com diferentes estratégias, sistemas de jogo e trocas constantes de posição.

**Quadro 3: Objetivos do treinador A**

**Fonte: Do autor (2017).**

O treinador B não especificou os objetivos relacionados a cada categoria. Apenas afirmou que a “noção de treinamento” é o que varia de acordo com o aumento da idade dos jogadores: para aqueles que estão iniciando, a noção é mais lúdica, com mais “joguinhos, sem muita responsabilidade”; para os mais velhos há “uma aceitação maior no treinamento”, aprimorando a parte tática, posicionamento em campo e movimentação.

O treinador C teve uma opinião divergente dos demais treinadores, afirmando que o “objetivo em si é um só”, visando de acordo com o objetivo do projeto, fazer o trabalho social, “ser uma escola de futebol” e formar atletas. O treinador D afirmou que esses objetivos serão formulados de acordo com o perfil do grupo, sendo estipulados pelo “feeling do treinamento e em relação ao grupo”. O objetivo ao se trabalhar com a categoria sub-11, é a estruturação e reconhecimento de espaço, ocorrendo uma adaptação “ao campo maior, ao espaço maior, a uma dinâmica diferente de jogo”. Essa adaptação ao campo acontece devido ao fato de todos os alunos virem de “um processo de jogos menores”. Ocorrendo essa adaptação, os conceitos técnicos vão sendo inseridos, “pensando já em fases do jogo, fase ofensiva e fase defensiva”. Dessa forma segundo o treinador, consegue-se criar um

repertório técnico e “melhorar as tomadas de decisões pra resolver os problemas do jogo”. Ao passo de que as categorias vão se tornando maiores, a complexidade também aumenta, mas sempre respeitando o perfil do grupo que, segundo o treinador, varia muito.

Os objetivos traçados pelo treinador E também serão transmitidos através de um quadro (quadro 4) elaborado abaixo.

Categoria	Objetivos
Sub 11	- Jogos intensos, mas sem velocidade. - Fazer com que os alunos tomem mais decisões certas do que erradas durante o jogo.
Sub 13	-Jogos mais rápidos, com transições mais rápidas -Cobrança maior em termos de tomada de decisão.
Sub 15	- Jogos mais rápidos - Maior exigência física - Maior competitividade

**Quadro 4: Objetivos traçados pelo treinador E.**

**Fonte: Do autor (2017).**

O próximo questionamento realizado aos treinadores foi se há crianças que chegam na categoria sub-11 despreparadas. Todos os treinadores responderam afirmativamente a essa pergunta, variando as respostas entre si em relação às justificativas sobre possíveis justificativas para o fato.

O treinador A afirmou que aqueles que chegam na escolinhas, principalmente no primeiro ano, apresentam qualidade mas, “é um entendimento anárquico do jogo, é o jogo pelo jogo”. Em vista disso, o treinador refina o aspecto técnico e tenta ensinar o aluno a entender do jogo, para que ele “consiga utilizar da melhor maneira possível as características dele.”

O treinador B explicou que isso acontece porque as vezes o menino “nunca jogou futebol”, ou vem de outro esporte. O treinador C compartilhou da mesma opinião, afirmando que já conheceu meninos que chegaram na escolinha sem nunca ter jogado futebol, ou seja, “que nunca colocaram uma chuteira no pé”. Ainda, segundo ele, estes meninos não são apenas da categoria sub-11, até mesmo com a categoria sub-15. Ele disse que há diferença entre o “jogador de bola” e o jogador de futebol, tendo em vista que o primeiro “você vai encontrar em toda esquina(...) toda rua você vai encontrar um golzinho de tijolo”, já o segundo, o jogador de futebol é muito diferente, “não tem nada a ver com jogador de bola”.

O treinador D enfatizou que “tem muitos atletas despreparados em questões motoras” e isso segundo ele, está relacionado a um “contexto cultural”, aonde “o menino se desenvolve muito mais dentro de casa, jogando videogame”, não aumentando assim o seu repertório motor. Este repertório é transferido para as situações técnicas e de resolução de problemas quando o menino “chega na faixa de especialização”. Esse deveria ser o processo normal, mas hoje “não pensando só no futebol, mas também em todos os outros esportes” verifica-se um atraso motor. Segundo o treinador, ao se realizar uma avaliação motora em um menino de 10 anos, este deveria “estar nessa fase motora fundamental fechada”, mas o que se visualiza, é o atraso em uma “grande maioria”.

O treinador E reformulou a pergunta, dizendo que eles não chegam despreparados, mas “vem de fora” e encontram-se então com uma coordenação motora grossa atrasada, com tomadas de decisão bem simples, apresentando muitos erros. Além disso, o menino não é competitivo, e é pouco participativo, ele “espera a bola vir no pé, não quer jogar”, por não ter “vivenciado isso”.

A próxima pergunta dessa categoria foi sobre como os treinadores avaliam a transição do futsal para o futebol (da escolinha para as categorias de base) e se a consideram tranquila ou desafiadora. O treinador A considera a transição tranquila, porque segundo ele os meninos do futsal “já vem cheios de conceitos(...) entendem muitas coisas”, trabalhando-se com eles apenas a questão da adaptação do espaço. O maior desafio segundo o treinador, é com aqueles que vem de escolinha de futebol e com aqueles que vêm do futsal praticado em algum local que não “disputa campeonato federado”. O treinador B apontou que a transição é “quase que natural”, ocorrendo apenas a adaptação, como disse o treinador A.

Já o treinador C afirmou que a transição não é nem tranquila e nem desafiadora, mas necessária. Segundo ele, o jogador de futebol “tem a necessidade de passar pelo futebol de salão”. O salão engloba a noção do espaço, raciocínio de tomada de decisão com a bola, contato físico, maior contato com a bola e maior velocidade de jogo. De acordo com o treinador, no futsal, com 10 minutos de jogo um atleta de 10 anos ativo vai “pegar” na bola mais de 80 vezes, sendo que no futebol de campo, nesse mesmo tempo esse mesmo atleta ativo vai “pegar” na bola no máximo apenas 20 vezes. Ele encara então que o futebol de salão, o sintético, o futebol de 7 em si, é necessário para que o atleta tenha o contato com a bola e

tenha “esse trabalho de qualidade”. Porém, se o atleta de futsal quiser jogar futebol, o limite máximo de idade imposto pelo treinador, é de 13 anos. A partir dessa idade, se houver persistência no futsal, vão começar a surgir problemas. Ao ser questionado sobre a pergunta em si, da transição do futsal para o futebol, o treinador afirmou que varia de atleta para atleta, mas que normalmente há dificuldades. Porque segundo ele, muita coisa muda, como por exemplo, a recepção da bola e o domínio.

O treinador D afirmou que para muitos a adaptação é natural, sendo o início “bem complicado”, por conta do longo tempo de adaptação, que envolve o ambiente do campo. A “essência do jogo é a mesma, mas existem ações técnicas e táticas diferentes”, tendo ainda a diferença do número de atletas e a diferença do terreno, o que torna o jogo mais complexo. Esses aspectos demandam um tempo para que o “menino possa se adaptar, mas ele consegue fazer essa adaptação tranquilamente”.

O treinador E compartilhou de uma visão diferente dos outros, afirmando que “qualquer estímulo que seja para melhor”, é benéfico. “Se o menino por exemplo, se ele treina aqui (...)e se a mãe pôr ele pra fazer basquete, eu não sou contra”, por conta de estímulos diferentes recebidos, que é o importante e que vai ajudar, mas se esses estímulos forem concorrentes, é necessário então “pensar o que o menino quer, como que ele quer”.

A forma que o grupo encara a eliminação precoce de campeonatos foi a próxima pergunta aos técnicos, questionando-se ainda se há variância da visão de acordo com a idade dos jogadores (desde a categoria sub-11 até a categoria sub-17). O treinador A afirmou que os meninos ficam muito chateados, mas raramente acontece de o grupo ser eliminado na primeira fase. Segundo ele, o grupo já está se adaptando, porque isso é passado para eles, “quem não sabe perder, não sabe ganhar(...) eles tem que perder com estilo”. O problema na verdade segundo o treinador, é com os pais, que “deixam os filhos piores”. Ao ser questionado se há variância de acordo com a idade, ele disse que há muita, preferindo trabalhar com a categoria sub-11 e sub- 13, “porque eles são puros ainda(...) você ainda tem o coração deles”. Enquanto que os meninos da categoria sub-15 já consideram que “sabem algumas coisas”, se tornando mais difícil o processo de aprendizado, “mais difícil de mudar costume, principalmente aqueles que vieram sem nenhuma instrução”.

O treinador B afirmou que o futebol é “feito de vitória, derrota, empate, e eliminação”, e tendo isso em vista, os meninos precisam estar preparados para isso. E essa preparação segundo ele, acontece desde os 10 anos. O treinador C apontou o fato de que “o brasileiro tem um poder de absorção muito rápida”, aprendendo muito na derrota, mas sempre preferindo aprender na vitória, além disso, o que busca-se “dentro dessa derrota é um ato positivo para o amanhã”, ou seja, algum ensinamento. Quando questionado sobre a possibilidade de variância entre as idades, ele afirmou que “os atletas mais novos, sentem mais”, porque eles “são muito mais o lado emocional”, enquanto que os mais velhos são muito mais competitivos.

O treinador D após uma longa pausa afirmou que existe “uma frustração dos meninos”, mas que é momentaneamente. Eles conseguem de maneira geral segundo ele, “lidar bem com essa situação”, tendo alguns casos “que fogem um pouquinho da regra, um ou outro menino”. Segundo ele, com “o passar do tempo o menino consegue amadurecer muito mais em relação a isso”, mas esse processo depende do nível de competição que o atleta está inserido, tendo como exemplo os meninos da categoria sub-15 e sub-17 que acabam participando de competições mais importantes, tendo então “o peso da eliminação da competição maior do que para uma competição de um menino do sub-11”. Esse peso da competição para as categorias maiores podem segundo ele, gerar problemas maiores. Para que isso aconteça de modo menos frequente, o treinador afirmou que um processo adequado iniciado desde os 11 anos irá preparar o menino para “saber lidar de uma maneira madura em relação a isso”.

O treinador E afirmou que as “categorias menores sentem, e sofrem”. Fazem “o professor chorar, fazem o pai chorar (...) é complicado”. A diferença entre a categoria menor e a maior, é que a categoria menor sente mais, mas esquece mais rápido, e a categoria maior “não sente tanto na hora”, mas “demora mais tempo para digerir a derrota, a eliminação do campeonato”. Tendo depoimentos como “Pô, se eu tivesse feito isso, ou ah, se eu tivesse feito o gol, a gente tinha ganho o jogo”. O treinador para minimizar esses efeitos, tira toda a responsabilidade dos meninos e assume para si a frustração deles; dessa forma, segundo ele, “fica mais fácil de administrar (...) e ocorre então uma continuidade”.

Um dos questionamentos feitos aos treinadores se referiram à quantidade e duração dos treinos nas escolinhas; bem como se esses variam de acordo com a categoria. A resposta diferiu muito de escola para escola, sendo que o treinador da escola 1 afirmou que as categoria sub-11 e sub-13 treinam três vezes por semana, com a duração de duas horas por treino. Porém, segundo ele, considera-se dessas duas horas de treino, apenas 50 minutos efetivos, por conta do intervalo entre um exercício e outro; já a categoria sub- 15 treina todos os dias da semana, com uma duração de duas horas e trinta minutos, e ainda de acordo com o treinador, todos os atletas participam de sessões com o psicólogo uma vez na semana, por um período de uma hora.

O treinador da escola 2 afirmou que a quantidade e duração dos treinos não varia de acordo com a categoria, sendo que todas treinam duas vezes por semana, com a duração média de uma hora e quarenta e cinco minutos. O treinador da escola 3 adota um modelo muito parecido com o treinador da escola 1, sendo que todos os atletas, com exceção das categorias sub-15 e sub- 17, treinam três vezes na semana e cada treino possui duração de 1 hora e 40 minutos. Segundo ele, as categorias maiores, também treinam todos os dias, com uma “carga de treino” de duas horas e trinta minutos e “com jogos de competição no final de semana”.

O treinador da escola 4 afirmou que a categoria sub-11 treina três vezes na semana, com tempo de treino efetivo de quarenta a sessenta minutos, sendo acrescentados vinte minutos levando em conta os intervalos e o tempo de hidratação, totalizando então uma hora e vinte minutos, enquanto que a categoria sub-13, de acordo com o treinador, treina quatro vezes na semana, porém, com o tempo de uma hora apenas de treinamento, incluindo a hidratação e intervalos. Em relação às categorias maiores, ele afirmou que normalmente treina-se todos os dias, com uma carga horária de 80 minutos, ressaltando ainda que os atletas menores “acabam treinando menos em relação à volume, à intensidade, até mesmo pela capacidade física”; isso se deve ao fato de que o futebol hoje, segundo ele, está muito preocupado com o “controle de carga”, preferindo-se a “eficiência” do que a “quantidade de treinamento”.

Na escola 5 não há diferença na quantidade e duração de treinos, tendo em vista que todas as categorias treinam duas vezes na semana, durante uma hora e quinze minutos ; contudo, segundo o treinador, pode-se considerar a “intensidade do



treino” como um diferencial entre as categorias, opinião essa que corroborou com os demais treinadores participantes da pesquisa. O treino para a categoria sub-11 é mais lento, num “ritmo confortável” para os alunos, ao passo de que a categoria sub-13 já começa a ter um treino mais intenso, aumentando a intensidade de acordo com o avanço das categorias. Para resumir as respostas dos treinadores, o quadro a seguir foi elaborado (Quadro 5).

Treinadores →	A	B	C	D	E
<b>Categorias ↓</b>					
<b>SUB 11</b>					
Quantidade de treinos por semana	3x	2x	3x	3x	2x
Duração dos treinos	2:00	1:45	1:40	1:20	1:15
<b>SUB 13</b>					
Quantidade de treinos por semana	3x	2x	3x	4x	2x
Duração dos treinos	2:00	1:45	1:40	1:00	1:15
<b>SUB-15</b>					
Quantidade de treinos por semana	5x	2x	5x	5x	2x
Duração dos treinos	2:30	1:45	2:30	1:20	1:15
<b>SUB-17</b>					
Quantidade de treinos por semana	-	-	5x	5x	2x
Duração dos treinos	-	-	2:30	1:20	1:15

**Quadro 5: Quantidade e duração dos treinos**

Fonte: Do autor (2017).

Quanto antes o aluno iniciar a modalidade maiores são as chances de ele se tornar um atleta? Por vezes traz-se a tona no meio esportivo o questionamento sobre o momento ideal para que um aluno inicie na modalidade escolhida, nesse sentido, essa questão gerou muita dúvida e certa relutância para alguns dos

treinadores participantes da pesquisa. Demonstrando certa inquietude, o treinador A pediu para repetir a pergunta e, ainda com relutância, acenou negativamente com a cabeça. Ao ser questionado sobre a justificativa da resposta, ele afirmou que isso não é uma certeza absoluta, mas também não considera como sendo “algo errado”. Ele vivenciou casos de meninos que treinaram futsal “nível alto” desde os 7 anos e que quando chegaram aos 14 anos desistiram, porque acabaram cansando, não aguentando “toda aquela pressão, toda aquela situação”; sendo assim, segundo ele, “tem muitos que desistem” porém, há também meninos que são beneficiados por começarem cedo, o que não se reflete em maiores chances efetivas. Logo, o menino pode se tornar ou não um atleta, as chances são de 50% para cada alternativa, mas isso depende de vários fatores.

Os treinadores B e C foram muito confiantes em suas respostas e afirmaram que quanto antes o aluno iniciar a modalidade, maiores são as chances de se tornar um atleta. O treinador C afirmou que o menino que começa a modalidade aos 8 anos, em comparação a um menino que começa aos 14 anos, tem 50% a mais de vantagem. Quando o aluno inicia mais cedo, segundo ele, a absorção dos conteúdos é muito mais rápida e têm-se mais tempo para se trabalhar. Além disso, ele afirmou que existem projetos (nos quais a maioria dos meninos se insere) que não proporcionam um suporte técnico e, portanto, muitos alunos acabam “perdendo tempo” participando desses. Sendo que quando esses meninos buscam algo melhor, com um bom suporte técnico, o “grau de cobrança” vai atrapalhá-los por que “na maioria das vezes eles não vão suportar”, por tirá-los de sua “zona de conforto”. A maioria segundo ele, não suporta essa cobrança porque não estavam acostumados. Quando questionado sobre se esse fato de iniciar-se cedo pode ser uma vantagem sobre outras equipes e se há resultados mais rápidos ele afirmou enfaticamente.

O treinador D afirmou que essa inserção precoce não interfere “tanto assim” porém, relatou que uma iniciação esportiva adequada influencia em seu processo de formação fazendo com que o aluno tenha facilidade no momento da inserção na especialização, que seria a modalidade específica do futebol. Um menino que comece no período de especialização na categoria sub-11, vai ter mais chance do que aquele que começar com 14 ou 17 anos. Porém, isso não é “determinante no

sentido de que se ele vai virar profissional ou não”, haja vista os diversos fatores que interferem no processo de formação.

O treinador E afirmou que quanto antes o aluno tiver “vivência” na modalidade, maiores serão suas chances por conta dos estímulos pelos quais ele vai passar. Isso segundo ele, não quer dizer que obrigatoriamente o menino “vai virar jogador”, mas ajuda tendo em vista que há maiores facilidades na “hora do jogo”, por conta da experiência do menino com a própria competição e cobrança que o jogo proporciona. Ele enfatizou que a vivência citada se refere aos momentos em que o menino joga “pelo prazer de jogar” ou seja, “brincar com a bola porque ele quer, porque ele gosta”.

No que se refere aos possíveis benefícios que o treinamento precoce pode fornecer aos meninos, muitos dos treinadores ficaram em dúvida sobre o que responder, sendo que em sua maioria pediam um contexto sobre “o que seria esse treinamento precoce. O treinador A, acredita que o treinamento precoce beneficia o jogador em cerca de 50%. Porém, tudo depende do ambiente em que esse jogador está inserido, ao passo de que se o ambiente não é adequado, “isso pode ser um absurdo”, pode prejudicar as crianças. De acordo com o treinador, dependendo de como é “encarado esse treinamento” esse pode ser “muito nocivo”, mas também “muito bom”. Ele ainda comparou o futebol ao jogo, que não “é uma ciência exata”, existindo muitas variáveis, não sabendo qual o exato poder de cada uma delas; há, nesse sentido, histórias de meninos que se tornaram jogadores efetivamente, e outros que desistiram, logo, não há um padrão a seguir no que se refere a esse treinamento precoce. O treinador B e o treinador C, afirmaram que quanto antes o aluno iniciar os treinamentos, maiores serão os seus benefícios; em contrapartida, o treinador D acredita que o treinamento precoce não irá trazer benefícios para o jogador, afirmando que ele, na função de treinador, pode interferir muito emocionalmente no atleta, sendo que tudo vai depender da maneira que o treinador vai cobrar cada aspecto, dependendo ainda do ambiente que o jogador está inserido em relação ao “nível competitivo”. Se o treinador encarar a competição como sendo algo extremamente importante, focando e priorizando os bons resultados e desempenho, existirão prejuízos para o menino; esses prejuízos acontecerão principalmente no aspecto emocional, podendo levar ao abandono da modalidade por conta da “carga emocional” que esse menino está sofrendo.

O treinador E conceituou o treinamento precoce, de acordo com a literatura, como sendo aquele que é realizado três vezes por semana, tendo mais que 3 horas de treinamento. Segundo ele, a curto prazo esse treinamento é muito bom, porque os “resultados vem” e se o aluno treinar dessa forma vai “se destacar” na categoria; porém, o grande desafio é permanecer nesse resultado pois, segundo o treinador, vai chegar um momento na vida do menino, em que ele vai ter autonomia e vai desistir porque aquilo “deixa de ser um prazer e começa a ser obrigação”.

Quanto a incidência de lesão nos atletas, todos os treinadores afirmaram que há lesões por conta do próprio contato físico da modalidade, existindo pouquíssimas lesões por conta de carga de treinamento. O maior problema para a escola 1, de acordo com o treinador, é com aqueles meninos que treinam futsal, porque lá eles “não tem controle da carga”; tendo isso em vista, a escola tenta sempre “se adaptar ao futsal, para que não tenha uma sobrecarga”, trabalhando-se com um programa de prevenção de lesão juntamente aos preparadores físicos. Quando questionado se ele conhece escolinhas de futebol em que essa sobrecarga acontece, ele afirmou que acontece muito, tendo treinadores que mandam os meninos “subir e descer escada, correr 10 km”.

Na escola 2, existem casos de lesões por treinamento assim como na escola 3 porém, o treinador afirmou que acontecem problemas musculares com a categoria sub-15 e sub-17, o que “não era para acontecer pela idade que eles tem”. O padrão de respostas foi mantido pelas escolas 4 e 5, haja em vista que essas indicaram que são pequenos os índices de lesões musculares, contudo, a escola 5 enfatizou ainda que sempre faz aquecimento e alongamento balístico, servindo como uma progressão para a parte principal do treinamento.

A última pergunta da categoria “metodologia aplicada nas escolinhas” foi sobre o processo ensino-aprendizagem-treinamento onde os treinadores foram questionados se acreditavam nesse processo. Todos responderam afirmativamente, sendo assim, perguntou-se como eles aplicavam isso na escolinha e o treinador A afirmou que aplica esse processo na avaliação subjetiva, na avaliação prática que é “na questão dos jogos”, e no próprio ensino. Segundo ele, o ensino segue uma sequência pedagógica, ou seja, “do simples para o mais complexo, do menor para o maior, e isso de acordo com as características dos meninos”; logo, as ferramentas utilizadas giram em torno também de uma “parte teórica” muito forte. O treinador

afirmou ainda que pede aos alunos para “que eles façam análise de jogos”, tendo como exemplo o jogo da libertadores que aconteceu entre o Atlético-PR e o São Lorenzo (ARG), em que ele através aplicativo *whats app*, ficava perguntando aos alunos aspectos relativos ao jogo, como por exemplo “em que sistema que o Atlético estava jogando” ? Além disso, a escola ainda filma a maioria dos jogos que eles disputam, possibilitando realizar uma análise pós jogo, aonde eles separam e repassam para os alunos alguns lances para discussão.

A aplicação para o treinador B, acontece através da troca de experiências entre professor e aluno, aonde um aprende com o outro. O treinador C afirmou que que o atleta em sua escola irá entender o porquê de todo o trabalho que for feito e através da orientação vai evoluir. O treinador D afirmou que esse processo ensino-aprendizagem-treinamento é muito importante na formação de um atleta haja vista que essa aprendizagem para o aluno acontece por meio das informações transmitidas a ele ou seja, das experiências dentro do campo e dos *feedbacks*. O treinamento irá “estimular tudo isso” e melhorar comportamentos inseridos no contextos do jogo logo, a aplicação prática segundo ele, será através do treino, aonde serão lançados estímulos para o atleta, proporcionando a ele aprendizados, resultando em bons comportamentos, melhora das questões técnicas, e do conhecimento. Além disso, o treino para alcançar esses resultados, deve ser bem estruturado em torno de um objetivo e moldado de acordo com o perfil do grupo e a faixa etária.

O treinador E afirmou que esse processo vai depender de como o treinador vai ensinar. Ele sempre repete a frase: “Se eu não consigo explicar aquilo simples, é porque eu não entendi”. Então, a escola trabalha em cima de um processo no qual o menino entenda “o quê” e “como” deve fazer, não deixando de lado a existência do “grau de complexidade” durante os treinos. A aplicação prática acontece dentro dos treinos, respeitando o tempo de aprendizado de cada aluno, enfatizando ainda seus pontos positivos na frente de todos os outros colegas e corrigindo individualmente. Quando há uma atitude errada por parte do menino, algum mau comportamento, o treinador afirmou que “chama a atenção na frente de todo mundo”, para que aquele mau exemplo não se repita.

A outra categoria abordada envolve as questões relacionadas às opiniões individuais dos treinadores. No que se refere às competências necessárias para um

bom relacionamento com o grupo e conseqüentemente o treinador A afirmou que quando se trabalha com criança, o principal aspecto a se levar em conta é a “justiça” à medida que ele deve ser coerente em todas as decisões, ao passo de que tudo o que for falado, deve ser cumprido. O segundo aspecto importante, segundo ele, é a conquista dos alunos fazendo com que eles gostem do professor; e essa conquista não é apenas dos alunos, mas de todos, porque o tratamento deve ser igual com todos, e isso precisa ser visto pelos alunos também. Logo, os três aspectos citados foram a justiça, o carisma, e a conquista do coração dos alunos.

O treinador B enfatizou a convivência, o treinamento, e a confiança como aspectos importantes. Já o treinador C afirmou que o mais importante é o “regimento de pessoas” à medida que tudo o que for transmitido aos jogadores, deve acontecer de forma natural, e isso segundo o treinador, é o “mais complicado”, porque dentro de um grupo de 30 atletas, cada um vai ter uma opinião diferente, e a aproximação do treinador com o atleta vai ser um comando, tendo ainda a autoridade como um aspecto fundamental. Segundo ele, isso deve estar bem claro para os atletas.

O treinador D considerou como primeiro aspecto fundamental o conhecimento de cada atleta; do contexto em que ele está inserido e de onde veio. Segundo ele, há grande diferença entre um menino que veio de uma “situação mais carente” e um menino que possui uma “situação mais confortável”; a partir do momento em que já se conhece o atleta, começa-se então a desenvolver um bom relacionamento, utilizando-se do processo pedagógico aonde é necessário exercer uma “boa didática”, fazendo com que os meninos realmente entendam o que o treinador quer passar, e tenham mais facilidade para “poder evoluir, aprender, e se desenvolver cada vez mais”.

A justiça também foi apontada pelo treinador E como sendo um importante aspecto, juntamente com o exemplo que deve ser apresentado. Como exemplos de atitudes, o treinador apontou o fato de não falar palavrão e de não gritar, já que isso é cobrado dos alunos para que também não o façam. Ele também é justo com os alunos ao deixar claro para eles a justificativa do porquê certo jogador permanece mais tempo em campo quando comparado a outro jogador, bem como das alterações e decisões que são realizadas durante o jogo. Outro ponto importante também que foi citado é ter uma boa relação com os pais, para adquirir a confiança deles e conseguir desempenhar um bom trabalho, além de estar sempre estar

atualizado, trabalhando com metodologias diferentes, para existir um progresso constante.

No que se refere à missão de educar pelo esporte todos os treinadores acreditam nisso. O treinador A afirmou viver para isso, mas na realidade essa missão não é colocada por ele como educar pelo esporte, mas sim “complementar a educação” pelo esporte. A educação em si teoricamente é dever dos pais, mas a escola tem que interferir muitas vezes procurando obter um “raio-x das famílias”, e até em alguns casos realizar alguns encaminhamentos para o psicólogo.

O treinador B apenas citou que acredita e que a disciplina é uma educação; já o treinador C não só acredita mas também afirmou que a melhor forma “de se educar no Brasil, se chama esporte”. Segundo ele, a educação em si, contribui; mas o esporte é muito mais efetivo por ser um agente transmissor da educação tendo em vista que muitas vezes um aluno não está tendo um bom desempenho escolar mas ele acredita que, através do esporte o menino pode encontrar uma solução para esse problema. Ao ser questionado sobre essa aplicação prática, ele afirmou que há uma filosofia implantada na escolinha em que se há baixas notas no colégio por desleixo ou mau comportamento, o atleta é “suspenso” dos treinos, e como resultado diante disso há grandes possibilidades de progresso no colégio.

Segundo o treinador D, essa educação através do esporte acontece muito e é muito eficiente tendo ganhos “em relação a parte comportamental e educacional”, intervindo “através de treinos, jogos, e situações que são transferidas para fora do campo”. A aplicação prática na escola acontece através de orientação durante o processo de formação incluindo valores como o respeito, comprometimento e responsabilidade que, posteriormente, serão levados para toda a vida do aluno.

A educação pelo esporte não somente é fundamental, mas é vista pelo treinador E como uma obrigação para os profissionais de educação física. Segundo ele, o esporte facilita o papel de formador de opinião possibilitando muitas ferramentas capazes de realizar a diferença; logo, o esporte tem um grande poder porque aquele que o pratica, faz de “livre espontânea vontade” e não como uma obrigação. Porém, o fato do esporte não ser uma obrigação, não exime o fato de haverem cobranças, como por exemplo as atitudes antidesportivas no jogo, que não devem acontecer.

No que tange o conceito de “sucesso” dentro da modalidade, para o treinador A é “conseguir colocar o maior número possível de jogadores em clubes profissionais”. Além disso, ele revelou que há outras conquistas citadas por ele como a evolução dos alunos desde o início da trajetória, tanto no aspecto de habilidades como mudanças de comportamento. Ao ser questionado sobre se esse aspecto seria um outro sucesso, ele afirmou que na verdade este é o sucesso dele. Os troféus, segundo ele, só “tem graça em um dia, na hora que recebe”, porém isso é o que tem valor para “algumas pessoas”, tendo então que “fazer sempre um trabalho contra a corrente”, sendo preciso “ganhar os jogos, para sobreviver comercialmente”.

Para o treinador B, sucesso pode ser caracterizado como muito tempo de treinamento, dedicação e persistência; enquanto que para o treinador C, o sucesso da modalidade é definido pela seleção brasileira, sendo ela “o grau maior de um atleta”, aonde ele tem a oportunidade de “disputar uma copa do mundo de futebol”.

O treinador D considerou a pergunta difícil, e depois de uma pausa, afirmou que o sucesso “principal do atleta seria o alcance no nível profissional”. A partir do momento em que há a inserção no processo de alto-rendimento, existirão outros sucessos como conquistas, títulos e benefícios recorrentes da carreira profissional, mas na categoria de formação, o que se pode entender como sucesso seria o alcance desse nível profissional, tendo ainda as “pequenas conquistas” relacionadas ao grupo, com a evolução através do aprendizado.

O treinador E também encontrou dificuldades ao responder a pergunta, definindo o sucesso como a autonomia do aluno ao jogar futebol, sendo que esta acontece quando não existe interferência dele durante o jogo. Para ele, ser campeão não caracteriza sucesso, o importante é que todos joguem da “mesma maneira”, com empenho e comprometimento, tendo ainda o reconhecimento dos pais como fator recompensador.

Um dos questionamentos que mais gerou dúvida por parte dos treinadores participantes da pesquisa foi se eles consideram os meninos que treinam com eles como alunos ou como atletas. O treinador A considera os meninos da escolinha como alunos e os meninos das equipes de competição como atletas. Foi questionado sobre o porque da resposta, e ele afirmou que a diferença está na forma de trabalho e no tempo destinado ao treinamento. O treinador B afirmou que



classifica como “meio a meio”, sendo que há uma transição desde o aprendizado até o estado efetivo de “atleta”.

O treinador C considerou a pergunta muito “relativa”, mas logo depois, afirmou que na escola eles trabalham com a mentalidade de formar atletas, não deixando de lado o trabalho social que então iria abranger “o aluno”. Ele afirmou que não tem 100% de atletas, sendo considerado por ele como algo “natural”, pois não há como “impor a mentalidade de atleta no aluno”, por ser um trabalho muito demorado e complicado.

O treinador D foi seguro em afirmar que considera os meninos como atletas, pela “responsabilidade que eles já tem que ter” principalmente com o comprometimento com o treinamento. Segundo o treinador, eles já tem a idade adequada, assim como a “questão emocional e cognitiva” também. Ao ser questionado se os atletas se consideram como tais também, ele afirmou que sim.

O treinador E partilhou de opinião semelhante à maioria dos treinadores, considerando os meninos como “alunos-atletas”, por conta de alguns deles procurarem a escolinha apenas para aprender, socializar, ou fazer uma atividade; enquanto existem outros quem tem interesse em competir, querendo ser jogadores. Logo, esse interesse dos meninos acontece de acordo com a vivência que eles tiveram durante a vida, incluindo o incentivo dos pais.

Quanto à porcentagem de crianças e adolescentes conseguem chegar à carreira profissional, o treinador A afirmou que alguns conseguem, sendo que ele já tem um atleta que está inserido na carreira profissional porém, ele não sabia afirmar um número exato de quantos conseguem esse feito, exemplificou que talvez, a cada 10 atletas que tentam talvez nenhum consiga ingressar e se manter na carreira profissional e isso ocorre em virtude de muitos fatores, que não possuem necessariamente uma lógica, porque segundo ele, as vezes “você tem um menino que tem tudo pra chegar e não chega”, e outras vezes “você tem aquele que não tem nada pra chegar e chega”. O treinador citou alguns fatores que podem ser determinantes ou não, que são os aspectos mentais, psicológicos, a própria determinação, ou a questão da qualidade. O treinador B também não soube aproximar um número, mas segundo ele, é uma “possibilidade boa”.

De acordo com o treinador C a porcentagem de “aproveitamento” não chega a 10%, sendo que o clube que consegue essa porcentagem, já tem um grande

mérito. Segundo ele, isso acontece porque a trajetória da carreira de um atleta é complicada, sendo que “muitos se perdem no caminho”. O treinador D afirmou que os estudos mais recentes apresentam uma evidência de que a cada 3.000 atletas que “tentam ser jogadores de futebol profissional, 1 apenas é”, resultando no fato de “que muitos dentro desse processo acabam não alcançando a equipe profissional”.

O treinador E, compartilhou a mesma informação que o treinador D, afirmando que a cada 3.000 meninos, apenas um consegue virar jogador. Ele comentou também do cenário cultural presente no Brasil, aonde “todo menino tem o sonho de jogar futebol”, sendo incentivado pelo pai desde que nasce a jogar futebol, passando isso “de geração para geração”. A questão social também influencia muito nessa ambição, sendo que “o menino as vezes que possui uma condição financeira muito baixa, vê no futebol uma ascensão muito rápida”, diferentemente do menino que tem uma “condição social melhor” e que, possivelmente, possui outras oportunidades. O treinador citou também que o “chegar não é o difícil”, mas sim permanecer, dando exemplo de meninos que “chegaram até quase o profissional e foram dispensados, porque não estavam rendendo mais e acabaram se desviando do caminho”.

No que tange a taxa de desistência daqueles que iniciam a modalidade. O treinador A afirmou que nas equipes de competição a desistência é baixa, diferentemente da escolinha, aonde a “rotatividade é maior”, por conta da “questão financeira dos pais”. O treinador B afirmou que são poucos os casos, mas que há desistência por conta de meninos “que não gostam de futebol” e que apenas “praticam para não ficar na rua” e então, posteriormente, acabam desistindo.

De acordo com o treinador C, a desistência é expressiva, por conta da complexidade do processo de formação, sendo que “a maioria dos alunos, dos atletas em si, não suportam esse processo” pois a maioria espera por resultados muito rápidos, e segundo o treinador, não acontece dessa forma. Ao ser questionado sobre em que idade há maior desistência, ele afirmou que isso oscila muito. Os alunos mais novos dependem muito dos pais, principalmente em questão de “locomoção, de apoio, e de presença” enquanto que os mais velhos, “vão lutar, vão brigar até seus 18 anos”, e a partir desse momento a “cobrança interna, em casa, começa a ser maior, havendo então desistências nessa faixa etária. O treinador afirmou que normalmente o menino que chega com 18 anos e não

conseguiu “emplacar” no futebol, vai receber uma pressão, a não ser que ele tenha uma “estrutura familiar muito boa”, o que é difícil de se encontrar nos dias de hoje; dessa forma a maioria acaba desistindo aos seus 18 anos de idade.

O treinador D afirmou que “difícilmente acontece uma desistência”, pois o que é mais comum de acontecer é a liberação dos atletas após esses passarem por uma avaliação na escolinha, ou ainda aqueles que estão em uma idade mais avançada e já estavam “inseridos no processo” mas acabaram não apresentando mais evolução e com isso acabaram também sendo liberados.

Segundo o treinador E, na escola aonde ele atua, a desistência também é muito pequena e ele atribui a esse feito o fato de realizar “treinamentos dinâmicos”, sempre procurando realizar treinos diferentes porque, segundo ele, quando se trabalha “com crianças em desenvolvimento qualquer coisa pra eles fica chato”, sendo sempre necessário “estar se renovando, e trazendo coisas diferentes”.

No que tange a influência da família no rendimento e motivação dos alunos todos os treinadores responderam afirmativamente. O treinador A relatou que os pais interferem “totalmente”, sendo que tem pais “que matam o menino de diversas maneiras”, ou “pressionando e cobrando muito”, ou “não cobrando e não aparecendo”, ambas afetando diretamente. Segundo ele ainda, “tem aquele pai que a hora que acaba o jogo, daqui até na casa dele, o muleque vai ouvindo”. Ao ser questionado se essa interferência é na maior parte das vezes maléfica ou benéfica, o treinador afirmou que é “em torno” de 60% maléfica e 40 % benéfica; mas que na verdade, pode variar muito, sendo que “um dia o pai ajuda, outro dia o pai ferra”. A escola segundo ele, “tenta fazer um trabalho de conscientização com os pais”, mas existem pais que aceitam facilmente e outros que não aceitam. O treinador revelou ainda que é impossível imaginar quais são os pais que vão dar trabalho nesse aspecto, então a maneira que a escola lida com essas situações, é:

Ficando com o pé atrás com todos os pais o tempo inteiro, nunca confiando 100% porque a única certeza é que, a hora que o filho tá jogando, e em todos os jogos não é substituído, o pai nunca vai reclamar com você, mas no primeiro jogo em que você substituir o filho dele, ele vai reclamar (TREINADOR A, 2017).

De acordo com o treinador A, essa questão da substituição é compreendida pelos meninos, pois todos “tem que ter chance, todo mundo tem que ter oportunidade, cada um vai ter o seu momento”, porém, embora o menino entenda a

situação ele chega em casa e é confrontado pelo pai ou seja, “toma bronca porque não ficou bravo”. Ao ser questionado se os pais interferem mais no treino ou mais no jogo, o treinador afirmou que eles não interferem nem no jogo nem no treino por que a escola não permite, tentando assim “assumir o controle e criar uma cultura” própria da escola.

O treinador B afirmou que há influência tanto benéfica quanto maléfica sendo que “tem pais que entendem”, que cobram o necessário, enquanto existem outros que cobram “em demasia”, tornando-se um problema. Existe também o pai que “é muito coração” e “quer que o filho seja de qualquer jeito atleta”, por que ele não foi. Essa interferência segundo o treinador acontece mais em jogos, porque é aonde eles “vão participar”.

O treinador C afirmou que a influência é muito grande, e em sua grande maioria maléfica. Segundo ele, existem muitos pais “que não sabem, não tem a real ideia do que é o futebol”, colocando uma “carga muito pesada no aluno”. A interferência dos pais no treinamento, segundo ele, é minimizada porque trabalha-se com essa “metodologia de trabalho” na escola. A cada 3 meses é realizada uma reunião com os pais, aonde orienta-se que não há tolerância para “pai reclamar na beira do campo”, e nem reclamação com o juiz. Segundo o treinador, a pressão em cima dos meninos “acontece mais em casa, ou muitas vezes no banco do carro”, e por conta dessa pressão, perde-se muitos atletas na faixa dos 10 a 14 anos, porque o aluno “já não quer aquilo mais, ele quer um refúgio”.

O treinador D também afirmou que a influência é muito grande, citando a frase que ouviu na época de faculdade que dizia que “os pais são os piores inimigos da criança” pois existem pais que acabam complicando, interferindo muito no processo de formação do menino, no desempenho dele durante o treino, durante o jogo”. A escola tenta minimizar essas situações, mas segundo ele é “bem complicado porque o vínculo pai e filho é muito maior do que professor e atleta”. Ao ser questionado se a influência é maior no treino ou no jogo, ele afirmou que é “mais nos jogos, por conta do fato de já ter “um nível competitivo”, sendo que o pai:

Entra no espírito competitivo, que tem que ganhar, que tem que fazer isso, que tem que ser o melhor, que tem que sempre estar acima de todo mundo, que tem que fazer gol, tem que defender, e acabam passando isso para os atletas; gritando de fora do campo, o que acaba interferindo na tomada de decisão do menino (TREINADOR D, 2017).

O treinador E declarou que a influência existe tanto para o bem quanto para o mal, sendo que nas categorias menores, como por exemplo a categoria sub-9 e sub-11, observa-se que os pais homens influenciam e normalmente a influência é negativa, enquanto que as mães são as que influenciam positivamente, principalmente o erro”. A escola também não permite influência nenhuma do pai no jogo, nem no treino. Segundo o treinador, “tem meninos que quando o pai não vai, jogam mais e jogam melhor, jogam mais soltos, porque a cobrança não está presente ali, fisicamente”. Já com os maiores, a cobrança “se torna em conseguir ser jogador, se vai ser jogador ou não”, porque outros compromissos começam a aparecer como por exemplo cursos, e trabalhos.

## **5.0 DISCUSSÃO**

A partir dos resultados observou-se que a idade em que se inicia a modalidade do futebol nas escolinhas variou bastante, ocorrendo desde os quatro anos. Segundo Gallahue e Donnelly (2008) a criança nessa faixa etária está no estágio elementar da fase motora fundamental, logo, a princípio, não seria comum a prática de atividades esportivas, visto que apenas as habilidades motoras fundamentais de maneira geral deveriam ser trabalhadas. Para melhor detalhar quais são as atividades a serem desenvolvidas, no quadro 5, abaixo, apresenta-se, de maneira comparativa, o posicionamento de (Gallahue; Donnelly, 2008; Greco; Benda 1995) quanto aos fatores que devem ser trabalhados em crianças de 4 a 10 anos.

Idade	Greco e Benda (1995)	Gallahue e Donelly (2008)
4 anos	Trabalha o sistema cognição-emoção-motivação tendo atividades recomendadas como aquelas de deslocamento, equilíbrio e relação tempo-espaço.	Maior controle e coordenação rítmica dos movimentos fundamentais, porém, estes movimentos ainda são descoordenados e muito restritos.
6 anos	Trabalha o sistema cognição-emoção-motivação tendo atividades recomendadas como aquelas de deslocamento, equilíbrio e relação tempo-espaço.	Desenvolvimento e integração de todos os fundamentos que incluem um padrão de movimento eficiente.
10 anos	Deve ressaltar-se bem o lúdico, ainda com adaptações realizadas como um espaço de campo reduzido e equipes com jogadores reduzidos.	-

**Quadro 6: Comparações entre os autores em relação aos fatores que devem ser trabalhados.**

**Fonte: Do autor (2017).**

A idade dos 10 anos foi apontada por duas escolinhas como sendo a idade inicial, porém, salienta-se informar que nessas duas escolinhas, o propósito é claramente direcionado às equipes de competições, sendo então essa idade já considerada como sendo uma categoria de base de equipes com caráter competitivo, não apresentando características de “escolinha de futebol”. Greco e Benda (1995) propõe uma ideia totalmente diferente, afirmando que nessa fase deve ressaltar-se bem o lúdico, ainda com adaptações realizadas como um espaço de campo reduzido e equipes com jogadores reduzidos, enquanto que para Gallahue e Donelly (2008) a idade inicial proposta é bem semelhante ao que encontramos no estudo, sendo desde os 11 anos até os 13 anos.

A inserção das competições na rotina dos atletas foi outro aspecto explorado. Segundo Enderle (2012), as competições têm um papel importante no prosseguimento ou não do praticante no esporte, pois a maneira como estas são apresentadas irão trazer benefícios ou prejuízos ao desenvolvimento natural que o esporte é responsável por proporcionar na infância; a maneira, portanto que elas são apresentadas pelos pais, professores e técnicos, é de suma importância. Ainda segundo Paes (2002), a competição, quando trabalhada de forma adequada, sem valorização exacerbada, pode trazer alegria e prazer, por conta da incerteza presente nela, atuando como um fator de motivação para a prática do esporte.

O Brasil é um dos países em que a prática em competições está presente em idades cada vez mais precoces e isso acontece porque os campeonatos de diversas modalidades são realizados pelas respectivas federações (SOUTO, 2002). A sociedade é colocada por Enderle (2012) como também sendo cada vez mais direcionada para a competição e busca de resultados. Alguns autores propõem a idade ideal para que a competição passe a ser implementada na rotina dos praticantes (GALLAHUE;DONELLY, 2008; ALMEIDA,2005; SCHIMIDT; WRISBERG, 2001; NETO,1996). Essa relação está presente no quadro abaixo (quadro 7).

Autores	Idade indicada	Justificativa
Gallahue e Donelly (2008)	A partir dos 11 anos	Nessa fase a criança deve utilizar de seus conhecimentos e habilidades adquiridos anteriormente para executar determinada atividade num contexto recreativo e já em um contexto competitivo.
Almeida (2005)	A partir dos 12 anos	A criança já começa a ser inserida no treinamento, já apresentando um significativo desenvolvimento da sua capacidade intelectual e física.
Schmidt e Wrisberg (2001)	A partir dos 14 anos	Os movimentos relacionados às habilidades esportivas passam do estágio específico para o estágio especializado.
Neto (1996)	A partir dos 8 anos	Crianças com idade inferior a essa, não possuem uma base sólida para suportar as incertezas proporcionadas pela competição, podendo gerar desmotivação e saturação pela modalidade.

**Quadro 7: Idade ideal para a inserção de competições**

**Fonte: Do autor (2017).**

A partir dos achados na literatura, parece não haver um consenso sobre a idade ideal para o início da inserção de competições, porém, o que foi encontrado em nossa pesquisa, resultou em dados muito próximos ao que os autores propõem sendo a menor idade encontrada aos 7 anos, com adaptações tornando o jogo em nível “inferior”, respeitando a idade dos jogadores, e a maior idade designada pela equipe sub-11.

As escolinhas de futebol, como o próprio nome diz, são escolas e tendo isso em vista são responsáveis por promover o esporte como um meio de integração e interação das pessoas que o praticam (PAES, BALBINO; 2005). Com o objetivo de

verificar se isso realmente acontece questionou-se aos treinadores sobre a possível existência de avaliações dos alunos que chegam à escola e se essa avaliação é constante ou não.

A escola 1 diante de seus dois projetos distintos (equipes de competição e escolinha), apresenta uma avaliação inicial somente com o projeto de equipe de competição. E nessa avaliação, existem aqueles meninos que treinam por uma semana e são observados se possuem qualidades necessárias para permanecer na escola ou não. Além dessa avaliação, há a “grande avaliação”, que em sua última realização, selecionou apenas 15 meninos para a equipe de competição dos 140 participantes. Em estudo de Paoli (2007), investigou-se o processo de seleção e detecção de talentos no futebol, um coordenador técnico das categorias de base afirmou que em uma seleção de talentos, ou seja, em uma “peneira”, os meninos são avaliados pelo que conseguem fazer, e não pelo que seriam capazes de aprender a fazer. E isso entra em contradição com o que deveria ser o objetivo de uma escolinha de futebol.

Em outras duas escolas participantes da nossa pesquisa também se realiza uma avaliação inicial aos 11 anos de idade, enquanto que nas outras duas restantes não é realizada nenhuma avaliação, seguindo a ideia de que é uma escola, e não se pode “privar os meninos de realizar uma atividade”.

De acordo com Monteiro e Cardoso (2011) o local de aprendizagem não é um lugar formação de atletas, o que não tira o fato de que possam sim ser descobertos novos talentos. Em vista disso, ao serem questionados se havia a pretensão de criar atletas em suas escolinhas, todos os treinadores afirmaram que isso acontecia. A idade do direcionamento dos alunos para categorias de base de times profissionais segundo os treinadores deveria acontecer mais tarde do que realmente acontece. Dentre os fatores citados que colaboram para essa direção precoce estão os pais que insistem em um encaminhamento dos filhos o mais rápido possível (TREINADOR A), o sistema atual em que o futebol se encontra, aonde “tornou-se prematuro” (TREINADOR C), e a realidade no Brasil de “que quanto antes o aluno iniciar a modalidade, melhores são os resultados” (TREINADOR E).

Esse posicionamento dos treinadores participantes da pesquisa coincide com o estudo de Greco e colaboradores (2010) pois esse afirmam que no futebol preconiza-se que a especialização seja obtida em um momento mais tardio, por ser



necessária uma variedade de gestos bem maiores que a dos desportos baseados em estruturas motoras, gestuais, cíclicas, estreitas e fechadas. Porém, segundo os autores, no futebol brasileiro o processo sistematizado de treinamento e seleção de potenciais atletas para as categorias contém uma iniciação muito precoce.

Segundo Gallahue e Donnelly (2008), é dever do profissional educar a criança fisicamente levando em conta suas etapas de desenvolvimento, para que ela alcance os resultados e enfatiza que os resultados devem ser almejados por ela. No que se refere aos dados obtidos pelos treinadores, esses afirmaram que existe um planejamento feito de acordo com o aumento da idade dos jogadores. O aumento do nível de complexidade foi a principal diferença mencionada, sendo que segundo Barros (2008) afirma que a evolução da complexidade das atividades é fundamental para que a aprendizagem seja constante, sempre evoluindo do mais simples ao mais complexo, aonde os diferentes níveis de turma e idade serão acompanhados com diferentes tipos de aula. De acordo com o Treinador C, a evolução do jogador constrói-se em torno de aspectos técnicos, táticos, físicos e psicológicos e esse pensamento vai de encontro com Greco e colaboradores (2010) que afirmam que por meio do ensino do futebol, aprimora-se seu potencial técnico-tático relacionando-o a aspectos físicos e psicológicos.

A detecção da evolução dos atletas durante o treinamento variou em termos de respostas; os treinadores A e B afirmaram que essa evolução será observada em cada atleta, avaliando o progresso de cada um (TREINADOR A) e dependendo do estágio que o aluno chega à escola (TREINADOR B). Em vista disso, Barros (2008) colabora com esse pensamento, afirmando que o professor deverá ter uma preocupação com sua turma, levando em consideração fatores como nível de experiência dos alunos, idades evolutiva e biológica dos mesmos além de fatores motivacionais, estes fundamentais para a boa prática do jogo. O treinador C afirmou que essa evolução deve ser alicerçada nos aspectos tático, físico, técnico e psicológico. Esses aspectos segundo o treinador, não tornarão necessariamente os alunos em jogadores de futebol, mas sim em atletas. Barros (2008) posiciona esses quatro aspectos como vertentes do treinamento, que através da prática do jogo, irão ser estimulados e proporcionarão uma evolução para os alunos.

Nenhum treinador relacionou essa evolução dos atletas com a sua própria responsabilidade no exercício de sua função. Segundo Hitoria e Paiano (2007), o

treinador, sendo também um professor, deve levar em consideração a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, sendo que o ritmo de evolução pode variar em termos de desempenho devendo ainda facilitar as relações da prática esportiva, proporcionando oportunidades para diversas vivências diferentes. Greco (2010) afirmou que o treinador tem a responsabilidade de programar atividades adequadas para o desenvolvimento esportivo, pois os aspectos pedagógicos dos exercícios irão proporcionar evolução do conhecimento e do nível de desempenho tático e técnico. Segundo o autor, as atividades programadas não devem ser apenas uma adaptação da realidade esportiva dos adultos, mas sim alicerçadas em torno do equilíbrio entre as necessidades de apoio e direção para então estabelecer um vínculo entre o praticante e o esporte.

De acordo com Greco (1995) a aprendizagem motora que se traduz pelo caminho de obter e automatizar habilidades motoras se deve a um processo sistemático e planejado com objetivos bem definidos a ser atingidos em cada fase do praticante. Os objetivos segundo Balbino (2005) podem momentaneamente ser diferentes, para o ponto em comum, que é o desempenho do grupo diante dos variados desafios que o jogo oferece. O treinador, segundo o autor, deve perceber em seus atletas a receptividade às atividades e constante reprogramação das estratégias para que os objetivos sejam alcançados. Os jogos desportivos segundo ele apresentam condições de aleatoriedade e imprevisibilidade, e em vista disso, diante dos desafios em definir objetivos muitos treinadores acabam chegando ao fracasso.

De forma geral, os autores afirmaram que os objetivos com as categorias menores giram em torno do reconhecimento do espaço de jogo e adaptação ao mesmo. Ao passo que os alunos progredem nas categorias, a complexidade aumenta, e exige-se mais deles em termos físicos e de competências técnicas e táticas. O treinador D afirmou que os “objetivos serão formulados de acordo com o perfil do grupo, sendo estipulados pelo feeling do treinamento e em relação ao grupo”, indo de encontro com Balbino (2005) que afirma que o papel do treinador deve ser levar em conta o desempenho do grupo e a receptividade dos alunos aos exercícios trabalhados.

Gallahue e Donnelly (2008) afirmam que até os 10 anos a criança deve ter todas as habilidades fundamentais trabalhadas, para então conseguir adquirir as

habilidades esportivas sendo que se isso não acontecer a criança encontrará uma barreira de proficiência. Diante disso, foi questionado aos treinadores se existiam crianças que chegavam na categoria sub-11 despreparadas e todos responderam afirmativamente.

O atraso foi atribuído, segundo os treinadores, à falta de vivência dos meninos com a modalidade do futebol (treinador B e C) e pelo atraso motor (treinador D e E). Willrich (2009) reforça que atrasos motores acarretam prejuízos que podem se estender até a fase adulta, sendo de extrema importância eliminar sempre que possível os fatores de risco que na atualidade, são muito frequentes. Nesse sentido, esse atraso motor, segundo o treinador D, está relacionado a um “contexto cultural”, aonde “o menino se desenvolve muito mais dentro de casa, jogando videogame”, não aumentando assim o seu repertório motor. O atraso motor segundo o treinador se visualiza em uma “grande maioria”, e esse fato é real visto que um dos transtornos com mais frequência em crianças na atualidade é o transtorno do desenvolvimento da coordenação (TDC), sendo a coordenação motora um componente essencial do acervo motor.

A transição do futsal para o futebol é muito comum conforme os meninos passam da escolinha para as categorias de base do futebol, e em vista disso questionou-se se essa transição normalmente é tranquila ou desafiadora. Os treinadores citaram aspectos diferentes, sendo que o treinador A afirmou que os meninos do futsal “já vem cheios de conceitos”, entendendo muitas coisas tendo que trabalhar com eles apenas a questão da adaptação do espaço, adaptação essa que foi citada também pelos treinadores C e D. Segundo o treinador C essa adaptação pode vir acompanhada de dificuldades, principalmente iniciais, porém, isso não tira o fato de que segundo ele, o jogador de futebol “tem a necessidade de passar pelo futebol de salão”.

De acordo com Ré (2008) devido à proximidade com o futebol, a transição de jogadores entre essas modalidades é elevada, sendo que se destaca o fato de diversos jogadores com história de sucesso na seleção brasileira de futebol adulta terem iniciado seus treinamentos no futsal, quando crianças. O autor afirma que não são conhecidas ainda investigações científicas relacionadas à interferência do processo de treinamento no futsal para a formação de jogadores de futebol. Se aceita o fato de que o elevado número de contatos individuais com a bola, o espaço

reduzido de jogo e a rapidez nas tomadas de decisões sejam fatores determinantes para o sucesso neste aspecto.

Voltando à questão da competição, questionou-se aos treinadores como o grupo encara a eliminação precoce de campeonatos e se há variância da visão de acordo com a idade dos jogadores. Os treinadores C e E afirmaram que as crianças menores sentem mais a eliminação, e segundo o treinador E, “categorias menores sentem, e sofrem”, fazendo o professor e o pai chorar. De acordo com o treinador C, isso acontece por que os meninos mais novos “são muito mais o lado emocional”. Segundo Neto (1996) as crianças mais novas não possuem uma base sólida para suportar as tensões ocasionadas pela incerteza da competição, podendo gerar desmotivação pela prática.

O treinador D citou um aspecto diferente dos demais treinadores, afirmando que os meninos mais velhos, por disputarem competições mais importantes, tendo o “peso da eliminação maior” quando comparada a uma eliminação da categoria sub-11, podem ter “problemas maiores”. Para que isso aconteça de modo menos frequente, o treinador afirmou que um processo adequado iniciado desde os 11 anos acontece de forma a preparar o menino para “saber lidar de uma maneira madura em relação a isso”. Esse processo adequado de acordo com Barbieri (2007) deve-se manifestar-se através da iniciação da especialização da criança e adolescente a partir do ponto que ela apresente um determinado aspecto maturacional de desenvolvimento motor e psicológico bem fundamentado, sendo a competição caracterizada de acordo com os participantes. Gallati (2008) complementa essa ideia, afirmando que as competições propostas devem levar em conta a instabilidade emocional que o ambiente competitivo apresenta, dando ainda ao aluno a oportunidade de vivenciar novos sentimentos e emoções sem constrangimentos.

Seguindo o conceito de Kunz (1994) de que a especialização precoce se efetiva em três treinos semanais, tendo como objetivo um aumento constante de rendimento, havendo participações em competições antes da fase pubertária, questionou-se aos treinadores acerca da frequência e duração dos treinos de acordo com a faixa etária. Em três das escolinhas a categoria sub-11 treina três vezes na semana, e estas já estão inseridas em competições. De acordo com este critério proposto pelo autor, há a presença de especialização precoce nestas escolas.

Um dos argumentos daqueles que são favoráveis à especialização precoce é o de que quanto antes o aluno iniciar a prática da modalidade, maiores são as chances de se preparar um futuro atleta, e ter assim vantagens em cima de outras equipes já dentro das competições (RÉ, et. al; 2004). Em vista disso, questionou-se aos treinadores se eles também partilhavam desse mesmo pensamento. Dois dos treinadores da pesquisa acreditavam nisso (TREINADOR B e C), sendo que segundo o treinador B, isso acontece porque quando o menino é mais novo, a absorção dos conteúdos é muito mais rápida e o tempo de preparação é maior. O treinador afirmou ainda que há um grau de cobrança em sua metodologia de trabalho, e aqueles meninos que vem de outras escolas que não proporcionam um “suporte técnico” necessário, não conseguem suportar a sua metodologia. Nesse pensamento, o treinador deixou claro que pretende criar atletas e para isso exige-se dos meninos uma base sólida na qual eles sejam capazes de suportar cobranças.

Os treinadores A e D afirmaram que poderão ocorrer benefícios em se iniciar cedo na modalidade, mas esse fato não necessariamente vai ser determinante “no sentido de que se ele vai virar profissional ou não” (treinador D), tendo em vista que “isso depende de vários fatores” (treinador A). O treinador A citou que vivenciou casos em que o menino jogava futsal de alto nível desde os 7 anos e acabou desistindo por não aguentar “toda aquela pressão, toda aquela situação”; e outros casos em que os meninos foram beneficiados por começarem cedo, não se refletindo porém, em maiores chances efetivas. O treinador D afirmou que esse início na modalidade deve ser fundamentado em uma iniciação esportiva adequada, para então haver benefícios. O treinador E declarou que as chances de se tornar atleta são maiores quando o menino possui uma “vivência” na modalidade o quanto antes por conta dos estímulos pelos quais ele vai passar. Essa vivência, se refere aos momentos em que o menino joga “pelo prazer de jogar” ou seja, “brincar com a bola porque ele quer, porque ele gosta”.

Podemos ver diferentes pontos de vista extraídos dos treinadores, tendo como exemplo a discrepância entre o treinador B e E, sendo que o treinador B deseja formar atletas, iniciando o processo de formação o quanto antes, capacitando-os a aceitar cobranças; enquanto que o treinador E afirma que a iniciação deve ser em torno do prazer de jogar, enfatizando o lúdico. Segundo Piccolo (1999), por meio de modelos internacionais que vem sendo copiados há

várias décadas, no Brasil, mantém-se a ilusão de que quanto mais cedo se começar o treinamento maior será o índice técnico alcançado, porém, segundo ele, os países desenvolvidos no esporte já abandonaram essa referência. A educação de acordo com Pereira (2001) necessita de experiências vividas e sentidas, sendo o futebol capaz de desenvolver outros potenciais do aluno, no que diz respeito à sua emoção, fazendo com que ele se torne mais flexível e humanizado. As vivências segundo o autor são atividades que permitem aos participantes envolver-se por inteiro, observar a própria ação e reação extraindo informações para o autoconhecimento.

Continuando no assunto de treinamento precoce, questionou-se aos treinadores sobre os possíveis benefícios advindos deste. Os treinadores B e C foram novamente aqueles que se posicionaram a favor do treinamento precoce, enquanto que os treinadores A e D afirmaram que tudo vai depender do ambiente em que o jogador está inserido e da maneira como é “encarado esse treinamento” que pode ser “muito nocivo” ou “muito bom” (TREINADOR A). O treinador D afirmou que na função de treinador pode interferir muito emocionalmente no atleta, sendo que se a competição e os bons resultados e desempenho forem o foco, existirão prejuízos para o menino principalmente no aspecto emocional, podendo levar ao abandono da modalidade por conta da “carga emocional” que o menino pode vir a sofrer. O treinador E afirmou que a curto prazo esse treinamento é muito bom, porque os “resultados vem” e se o aluno treinar dessa forma vai “se destacar” na categoria; porém, o grande desafio é permanecer nesse resultado pois vai chegar um momento na vida do menino, em que ele vai ter autonomia e vai desistir porque aquilo “deixa de ser um prazer e começa a ser obrigação”. Marques (2006) argumenta que a especialização precoce no esporte de alto rendimento não é benéfica ou maléfica, mas pode ser instrumentalizada a serviço da finalidade que se quer, tudo dependendo do treinador, pensamento esse em conformidade com os argumentos do treinador A e D.

Segundo Barbieri (2007) uma das consequências da especialização precoce é a incidência de lesões que acontecem devido ao inadequado treinamento, aparecendo lesões e fraturas por estresse, além de articulações que se desgastam desnecessariamente. Esse quadro hoje, segundo ele, inclui um grande número de lesões entre os jogadores de futebol e futsal. Diante disso, buscou-se verificar se há um elevado índice de lesões nas escolinhas. Segundo os treinadores, as lesões que

acontecem são por conta do próprio contato físico da modalidade, existindo pouquíssimas lesões por conta de carga de treinamento. Entretanto, em duas das escolinhas relataram-se problemas, sendo que na escola 1 há maiores índices de lesões com os meninos que treinam futsal, porque segundo o treinador, lá eles “não tem controle da carga”; enquanto que na escola 3 existem problemas musculares com a categoria sub-15 e sub-17, o que “não era para acontecer pela idade que eles tem”.

Em conformidade com a literatura, verificaram-se lesões em parte dos meninos em duas das escolas. Para evitar esse problema, o treinador da escola 1 afirmou que se trabalha com um programa de prevenção de lesão juntamente aos preparadores físicos, enquanto que na escola 5 realiza-se o aquecimento e alongamento balístico<sup>3</sup>, servindo como uma progressão para a parte principal do treinamento. De acordo com Powers e Howley (2000) o supertreinamento de crianças e adolescentes provoca a possibilidade de lesões musculoesqueléticas, sendo que os ossos em crescimento são mais suscetíveis a lesões nas cartilagens. Para evitar que esse problema aconteça, além das possibilidades de prevenção sugeridas pelos treinadores, Silva (2006) evidencia como possível opção recursos metodológicos de ensino, formando uma base de musculatura fortalecida na fase inicial, a ponto de que a criança consiga realizar movimentos complexos sem sofrer nenhum tipo de lesão por conta da prática de movimento errados.

De acordo com Silva e Greco (2009) a elaboração do processo de ensino-aprendizagem-treinamento deve ser desenvolvida cuidadosamente, o que requiere do professor o conhecimento das diferentes alternativas metodológicas. Todos os treinadores do estudo afirmaram acreditar no processo de ensino-aprendizagem treinamento. Algumas formas citadas da aplicação desse processo estão relatadas no quadro abaixo (quadro 8).

---

<sup>3</sup> Alongamento Balístico: Caracterizado pelo uso de movimentos vigorosos e rítmicos de um segmento do corpo, pelo alcance do movimento, com o objetivo de alongar o músculo ou o grupo muscular (Morcelli, et al; 2013) .

TREINADOR	APLICAÇÕES
TREINADOR A	-Avaliação prática através dos jogos; -Análise realizada por meio de vídeos dos jogos da equipe; -Ensino seguindo uma sequência pedagógica com “parte teórica muito forte”; - Relato dos meninos que acompanham os jogos profissionais de futebol e identificam os sistemas táticos presentes.
TREINADOR B	- Troca de experiências entre professor e aluno, aonde um aprende com o outro.
TREINADOR C	-Constante orientação do professor, incluindo a justificativa do porquê de cada ação.
TREINADOR D	-Experiências dentro do campo; -Feedbacks; -Estímulos lançados ao atletas resultando em aprendizado, bom comportamento e melhora das questões técnicas; -Treino bem estruturado em torno de um objetivo e moldado de acordo com o perfil do grupo e a faixa etária.
TREINADOR E	-Ensino compreensível proporcionado pelo treinador; -Respeito pelo treino de aprendizado de cada aluno; -Correção individual.

**Quadro 8: Aplicações do processo ensino-aprendizado-treinamento**

**Fonte: Do autor (2017).**

Alguns autores identificam fatores importantes que devem estar presentes no processo de ensino-aprendizagem-treinamento. Greco e Costa (2010) afirmam que a alternância da atenção e desenvolvimento da capacidade de antecipação são aspectos fundamentais para a correta tomada de decisão, tendo que a partir de então que ser desenvolvida. Macedo (2000) defende um treinamento que promova o desenvolvimento das potencialidades e competências dos alunos, respeitando suas diferenças individuais, assim como citado pelo Treinador E; promovendo ainda um crescimento amplo e diversificado nas suas capacidades, contribuindo para sua integração e enriquecimento da sua personalidade.

O pensamento do treinador D apresenta-se em conformidade com Paoli (2007) quando esse afirma que o treinamento deve ser estruturado de acordo com os processos de adaptação biológica em cada faixa etária, incluindo os métodos de ensino-aprendizagem-treinamento adequados conforme idade, fases e níveis de rendimento. Balbino (2005) afirma que saber transmitir informações é uma competência verbal linguística, ou seja, fazer-se entender, em linguagem adequada a quem aprende que faz parte do ambiente de ensino-aprendizagem-treinamento,



aproximando-se muito da fala do treinador E, que enfatizou que o ensino deve conter uma linguagem compreensível.

Uma das figuras mais importante no processo de ensino-aprendizagem-treinamento do futebol é o treinador. Dessa forma, questionamos a eles quais seriam as competências apontadas como necessárias para um bom relacionamento com o grupo e sucesso do mesmo. As respostas resumidas para posterior análise estão apontadas no quadro abaixo (quadro 9).

TREINADOR	COMPETÊNCIAS
TREINADOR A	-Justiça; -Carisma; -Conquista do coração dos alunos.
TREINADOR B	- Convivência; -Treinamento; -Confiança.
TREINADOR C	- Regimento de pessoas; -Figura do técnico como autoridade.
TREINADOR D	- Conhecimento de cada atleta; - Bom relacionamento com os alunos; -Boa didática.
TREINADOR E	-Justiça; - Ser um exemplo; - Boa relação com os pais; -Estar sempre estar atualizado, trabalhando com metodologias diferentes.

**Quadro 9: Competências apontadas pelos treinadores.**

**Fonte: Do autor (2017).**

O treinador C apontou que é importante ter uma boa relação com os alunos, e isso de acordo com Scaglia (1996) é de suma importância e de grande responsabilidade do treinador. O treinador deve transmitir ao aluno um conhecimento que se traduz em alegria através de uma relação muito próxima com esse aprendiz, capaz de reviver seus sentimentos e aspirações “como se fossem as dele”.

O treinador D acredita ser necessário que os alunos realmente entendam o que o treinador quer passar, tendo a mesma linha pensamento de Barros (2008), quando esse afirma que um professor capacitado deve instigar nos alunos a prática do questionamento, a reflexão das ações, incluindo discussões entre o treinador e os alunos, que levem aos praticantes constantemente entenderem, os porquês e para que de cada ação que realizarem.

O treinador E citou que deve ser um exemplo para os alunos, e isso encontra-se muito presente na literatura. Barros (2008) afirmou que um treinador deve educar,

formar, aperfeiçoar e ser aperfeiçoado, sendo que além de proporcionar aos seus alunos conhecimentos técnicos e táticos a respeito do futebol, pode contribuir para que cidadãos com valores, princípios e moral sejam formados. Segundo Leonhardt (2002) o jovem, na busca constante por sua identidade, buscará uma pessoa forte, de referência, de admiração e de contenção de seus conflitos, podendo ser o treinador esta pessoa.

O treinador esportivo tem a missão fundamental não de educar para o esporte, mas sim de educar pelo esporte (OTÁÑEZ, 2000), e em vista disso os treinadores afirmaram que acreditam nessa missão. O treinador A afirmou que o esporte complementa a educação, sendo a educação em si dever dos pais. Já o treinador C afirmou que a melhor forma “de se educar no Brasil, se chama esporte”. Segundo ele, a educação em si contribui, mas o esporte é muito mais efetivo por ser um agente transmissor da educação tendo em vista que muitas vezes um aluno não está tendo um bom desempenho escolar, mas que, através do esporte o menino pode encontrar uma solução para esse problema. Esse pensamento vai de encontro com a fala do treinador D, que também afirmou que o esporte é muito eficiente tendo ganhos “em relação a parte comportamental e educacional”, intervindo “através de treinos, jogos, e situações que são transferidas para fora do campo”. O treinador E acredita que essa educação pelo esporte é uma obrigação para os profissionais de educação física, sendo que o esporte facilita o papel de formador de opinião possibilitando muitas ferramentas capazes de realizar a diferença; logo, o esporte tem um grande poder porque aquele que o pratica, faz de “livre espontânea vontade” e não como uma obrigação.

Segundo Bento (1999), educar é mudar e modificar. Mudar e adquirir novos modos para ser, para ser mais e melhor, para crescer como pessoa em direção ao mais alto. Sendo que pelo ensino do esporte ensina-se muito mais do que uma modalidade esportiva, desenvolve-se cidadania, humanidade e personalidade (GRECO, 2012).

Um esporte que eduque, segundo Monteiro (2011), deve ser mais do que apenas o futebol; deve fazer o praticante um ser melhor. Pois de acordo com Freire (2003) educar é mais que transmitir conteúdos, é mais que determinar comportamentos restritos; educar é ensinar a viver. Diante disso, é de suma importância que o treinador não eduque o praticante para a vitória esportiva;

Até porque, a vitória, uma vez consumada, deixa logo de o ser; aponta para tarefas novas e superiores. Além de que o desporte, mais do que celebrar o que em nós abunda, evoca aquilo que em nós falta. Por isso emergem nele o homem alto e o homem baixo, o homem sonhador e o homem vulgar, o homem grande e o homem pequeno” (BENTO, 1999, p.29).

É de suma importância ainda salientar que uma condição de vida digna e a construção de uma base acadêmica sólida devem ser vistas como essenciais para os alunos, pois estas serão muito importantes no caso do individuo não seguir uma carreira profissional no esporte (PRETEL, 2016).

A definição de sucesso segundo o dicionário Aurélio é o “êxito, bom resultado”. Quando este conceito é aplicado na modalidade do futebol, as respostas podem variar, e muitos aspectos podem ser levados em conta. De acordo com Janssen e Dale (2002) o sucesso do treinador é avaliado não só por suas vitórias, mas também pela qualidade das relações com os atletas. Para dois dos treinadores (treinador A e treinador D) o sucesso principal é inserir o maior número de atletas em clubes profissionais. O interessante é que após essa definição de sucesso, os treinadores incluíram outros aspectos também, que podem ser secundários, ou até mesmo citados como “pequenas conquistas” (treinador D). Estes outros aspectos incluem a evolução dos alunos desde o início da trajetória, tanto no aspecto de habilidades como mudanças de comportamento (treinador A) e evolução através do aprendizado (treinador D). Outro aspecto a ser citado, é que segundo o treinador A, os troféus, só “tem graça em um dia”, ou seja, “na hora que recebe”, porém isso, segundo ele, é o que tem valor, tendo então que “fazer sempre um trabalho contra a corrente”, precisando “ganhar os jogos, para sobreviver comercialmente”. Portanto, pela fala do treinador podemos entender que o próprio conceito de sucesso dele, pode ser influenciado por fatores externos, como a cobrança por resultados.

O treinador C afirmou que a seleção brasileira é o conceito de sucesso; enquanto que o treinador B caracterizou o sucesso como sendo proveniente de muito tempo de treinamento, dedicação e persistência. Já o treinador E definiu o conceito através da autonomia do aluno ao jogar futebol, sendo que esta acontece quando não existe interferência dele durante o jogo. Para ele, ser campeão não caracteriza sucesso, o importante é que todos joguem da “mesma maneira”, com

empenho e comprometimento, tendo ainda o reconhecimento dos pais como fator recompensador.

A autonomia citada pelo treinador E vai de encontro com o pensamento de Filgueira (2008) que afirma que os treinadores devem habilitar a formação de jogadores inteligentes capazes de interpretar situações do jogo, escolher a solução motora mais adequada e executar a tática e a técnica corretamente e adequadas à situação. Segundo o autor, jogadores iniciantes que jogam de maneira sistemática, não se tornam jogadores autônomos, que pensam e agem por si próprios, sendo que quando um treinador fornece soluções aos alunos, ele está tomando decisões por elas.

Muitas vezes vemos na literatura que os termos atleta e aluno acabam sendo referidos como a mesma coisa, ou usados juntamente, sendo designado como “aluno-atleta”. Diante disso, vemos a necessidade de conceituar as duas palavras de acordo com o Dicionário Michaelis:

Atleta: “Pessoa treinada para competir, profissionalmente ou como amador, em exercícios, esportes ou jogos que requerem força, agilidade e resistência; esportista”.

Aluno: “Pessoa que recebe ou recebeu instrução ou educação de um mestre ou preceptor; discípulo, educandos; Indivíduo que tem poucos conhecimentos em determinada matéria; aprendiz”.

No quadro 10 a seguir, é possível verificar a maneira como os treinadores citavam seu público, juntamente com o número de vezes que ocorriam as citações.

TREINADOR	ALUNO	ATLETA	Outra forma	Quantidade
A	2	2	Menino	55
B	4	6	X	-
C	10	69	Piá <sup>4</sup>	3
D	0	65	Menino	54
E	12	14	Menino	251

**Quadro 10: Denominação do público e número de citações**

**Fonte: Do autor (2017).**

Por meio dessa tabela podemos confirmar se a resposta que eles deram à pergunta realizada realmente é condizente.

<sup>4</sup> Substantivo comumente utilizado na região Sul do Brasil, especialmente em Curitiba, que significa criança.

O treinador A considera os meninos da escolinha como alunos e os meninos das equipes de competição como atletas, dando a justificativa de que a diferença está na forma de trabalho e no tempo destinado ao treinamento. Tomando como base o significado de cada denominação (aluno e atleta) a fala do treinador está coerente, sendo que durante a entrevista, ele se referia na maior parte das vezes ao público como “meninos”, e não como aluno ou atleta. O treinador B classificou seu público como sendo “meio a meio”, porque segundo ele há uma transição desde o aprendizado até o estado efetivo de “atleta”, e as suas citações estão coerentes com sua fala.

O treinador C considerou a pergunta muito “relativa”, mas logo depois, afirmou que na escola eles trabalham com a mentalidade de formar atletas, não deixando de lado o trabalho social que então iria abranger “o aluno”. Porém, de acordo com os números, podemos ver que ele se referia ao público muito mais como atletas do que como alunos, sendo então a sua preferência denominá-los como atletas. O treinador D foi seguro em afirmar que considera os meninos como atletas, pela “responsabilidade que eles já têm que ter” principalmente com o comprometimento com o treinamento. Os números comprovam o que o treinador afirmou, sendo que este em momento algum da entrevista falou que trabalhava com alunos, e sim com atletas. Assim como o treinador A, ele também considerava o público como “meninos”. O treinador E partilhou de opinião semelhante à maioria dos treinadores, considerando os meninos como “alunos-atletas”, e isso se manifestou nos números. Porém, acima de atletas ou alunos, segundo o número de suas citações, eles são meninos.

Observando os fatos, podemos ver que a designação de aluno-atleta foi grande por parte dos treinadores, enfatizando ainda de que muitos os consideram como meninos. Consideramos interessante, conceituar também o que seriam esses meninos, seguindo o Dicionário Michaelis:

Menino: “Criança ou adolescente do sexo masculino; pessoa inexperiente, sem prática das coisas do mundo”.

Ao refletirmos sobre o termo “menino” podemos aproximá-lo mais do termo de aluno do que atleta. Já que um menino seguindo o dicionário, não tem prática das coisas do mundo, sendo uma pessoa inexperiente, ainda em formação. E um aluno

é que “recebe instrução ou educação de um mestre” (Dicionário Michaelis), enquanto que um atleta é apenas uma pessoa treinada para competir.

Muitas crianças e adolescentes almejam chegar à carreira profissional de futebol, porém, segundo Toledo (2002) apenas 1% de aspirantes à profissão é aproveitado, em média. Questionou-se aos treinadores se eles tinham alguma ideia desse índice, e a opinião deles está expressa no quadro abaixo (quadro 11).

TREINADOR	ÍNDICE	POSSÍVEL Justificativa
TREINADOR A	A cada 10 atletas que tentam talvez nenhum consiga.	-Muitos fatores, que não possuem necessariamente uma lógica, mas que podem incluir aspectos mentais, psicológicos, determinação e qualidade.
TREINADOR B	“Possibilidade boa”	-
TREINADOR C	-Porcentagem de “aproveitamento” não chega a 10%, sendo que o clube que consegue essa porcentagem, já tem um grande mérito.	-A trajetória da carreira de um atleta é complicada, sendo que muitos se perdem no caminho.
TREINADOR D	-A cada 3.000 atletas que “tentam ser jogadores de futebol profissional, 1 apenas é”.	-
TREINADOR E	-A cada 3.000 meninos, apenas um consegue virar jogador.	- O “chegar não é o difícil”, mas sim permanecer.

**Quadro 11: Índice de aproveitamento segundo os treinadores.**

Fonte: Do Autor (2017).

Podemos ver que a porcentagem de aproveitamento é muito pequena, e isso pode acontecer em virtude de diversos fatores. De acordo com Brunoro e Afif (1997), nas categorias de base:

Há casos em que os jogadores das equipes de base não são formados no próprio clube. Muitos chegam aos grandes centros vindos de regiões carentes do país para tentar a vida no futebol. Outros são trazidos por empresários que mantêm informantes (“olheiros”) espalhados em várias cidades. De qualquer maneira, o caminho que esses jovens atletas percorrem é muito árduo e na maioria das vezes, frustrante. Apenas uma pequena minoria consegue algum sucesso no futebol (Brunoro e Afif, p. 121, 1997).

Seguindo o pensamento do treinador E, Eduardo e colaboradores (2014) afirmam que quando já estão nos clubes, os jovens, normalmente, passam por situações de stress ocasionadas pelo impacto inicial da mudança de vida, ou seja, do confronto entre a nova realidade que incluem o deslocamento dos futuros atletas profissionais para outras cidades e o seu alojamento nas dependências dos clubes; as novas responsabilidades que lhes são impostas, incluindo aquelas que dizem respeito ao que é permitido ou não fazer que acabam por afetar os aspectos da vida pessoal, da vida escolar e de compromissos com o clube.

Além do índice de aproveitamento, questionamos aos treinadores também sobre o índice de abandono da modalidade. Dois dos treinadores (Treinador A e Treinador D) afirmaram que a desistência nas equipes de competição é bem pequena, porém, de acordo com o treinador D, o qual atua com as categorias de base, o comum de acontecer é a liberação dos atletas após esses passarem por uma avaliação, ou ainda aqueles que estão em uma idade mais avançada e já estavam “inseridos no processo” mas acabaram não apresentando mais evolução e com isso acabaram também sendo liberados.

O abandono na escolinha foi citado pelos treinadores A, B e C. De acordo com o treinador A isso ocorre por conta da “questão financeira dos pais” e para o treinador B por conta de meninos “que não gostam de futebol” e que apenas “praticam para não ficar na rua”. O treinador C afirmou que a desistência em sua escolinha é expressiva por conta da complexidade do processo de formação, sendo que “a maioria dos alunos, dos atletas em si, não suportam esse processo” pois a maioria espera por resultados muito rápidos, e segundo o treinador, não acontece dessa forma. Esse abandono, segundo ele, acontece com os mais novos porque estes dependem muito dos pais, principalmente em questão de “locomoção, de apoio, e de presença” enquanto que os mais velhos, “vão lutar, vão brigar até seus 18 anos”, e a partir desse momento a cobrança interna, em casa, começa a ser maior, havendo então desistências nessa faixa etária, sendo que então segundo ele, a maioria acaba desistindo aos seus 18 anos de idade. Segundo o treinador E, na escola aonde ele atua, a desistência é muito pequena e ele atribui a esse feito o fato de realizar “treinamentos dinâmicos”.

A literatura atribui o fato do abandono da modalidade à especialização precoce (NETO, 1996; DAMÁSIO; SERPA, 2000; SOUZA et al, 2010; ENDERLE,

2012; FONSECA et al, 2014). Os treinadores não citaram a especialização precoce como um fator desencadeante do abandono ao responderem esta pergunta, entretanto, no decorrer da entrevista como um todo aconteceram relatos de abandonos relacionados a tal. Por exemplo, ao ser questionado sobre o treinamento precoce, o treinador E afirmou que por conta desde treinamento os resultados vêm, mas vai chegar um momento em que o menino vai ter autonomia e vai desistir. O treinador A, quando questionado sobre se acreditava que quanto antes o aluno iniciar a modalidade maior seria a chance de ele se tornar um atleta, afirmou que acontece situações em que se o menino começar muito cedo na escolinha pode cansar e chegar a desistir da modalidade.

Em estudo feito por Fonseca e colaboradores (2014), verificou-se que o mais elevado índice de abandono no futsal foi na categoria de iniciação, concluindo-se que quanto mais novo fosse o praticante, maior a chance de esse indivíduo abandonar a prática esportiva. Os autores afirmaram que o abandono encontrado em seu estudo poderia estar associado ao ambiente de pressão ao quais as crianças envolvidas são levadas, fator esse que também foi citado pelo Treinador E que tem meninos que desde os 7 anos “treinam futsal, nível alto e chegam com 13 e 14 anos e desistem”, que cansam “de toda aquela pressão, de toda aquela situação”(…), “tem muitos que desistem”. Os autores afirmam que a pressão pela vitória tanto pelo técnico e principalmente pelos pais e a torcida são mais presentes na iniciação.

O último aspecto trabalhado no estudo foi justamente a influência dos pais. E esta influência segundo todos os treinadores, é muito presente. Chama-se atenção para o fato de que alguns dos treinadores já tinham citado os pais no decorrer da entrevista, antes mesmo de questionar-se sobre a influência dos mesmos. Durante toda a entrevista, o treinador A citou a palavra “pai” ou “pais” 32 vezes; enquanto que o treinador E citou 53 vezes. A influência citada pelos treinadores acontecia tanto de maneira benéfica quanto maléfica, porém, a maioria dos casos citados foram de influências maléficas.

O treinador A afirmou que a escola “tenta fazer um trabalho de conscientização com os pais”, mas existem pais que aceitam facilmente e outros que não aceitam. O treinador afirmou ainda que a escola “tenta assumir o controle e criar uma cultura” própria aonde não haja interferência dos pais nem no treino e nem no



jogo. O treinador B citou experiências em que o pai “quer que o filho seja de qualquer jeito atleta”, por que ele não foi; fato esse citado por Barbieri (2007) que afirma que a atitude dos pais frequentemente é buscar por uma compensação, por meio dos filhos, das vitórias e títulos esportivos não conseguidos por eles mesmos.

O treinador C afirmou que os pais colocam uma “carga muito pesada no aluno”. A escola, assim como a escola 1, tenta interferir, sendo que a cada 3 meses realiza uma reunião com os pais, aonde orienta-se que não há tolerância para “pai reclamar na beira do campo”, e nem reclamação com o juiz. Segundo o treinador, por conta da pressão dos pais perde-se muitos atletas na faixa dos 10 a 14 anos, porque o aluno “já não quer aquilo mais, ele quer um refúgio”. Isso infelizmente, contribui portanto, para o abandono da prática esportiva. O treinador D também afirmou que a escola tenta minimizar essas situações, mas segundo ele é “bem complicado porque o vínculo pai e filho é muito maior do que professor e atleta”. Melo e colaboradores (2007), afirmam que é importante destacar que os pais e os dirigentes esportivos são corresponsáveis pela iniciação adequada da criança na modalidade, tendo que, portanto, trabalhar juntos. As escolinhas da presente pesquisa mostraram que tentam implantar um sistema no qual esse trabalho conjunto seja realizado de maneira mais harmoniosa, porém, ainda existem barreiras a serem transpassadas. O treinador E trouxe a informação ainda de que nas categorias menores observa-se que os pais homens influenciam e normalmente a influência é negativa, enquanto que as mães são as que influenciam positivamente, principalmente o erro.

Segundo a literatura, os pais e parentes aspiram nas crianças e jovens um futuro de melhores condições econômicas, tais quais dos grandes atletas do esporte profissional (GALATTI, 2006), sustentando teorias de que iniciar os filhos cedo no futebol e futsal poderá lhes garantir êxito no futuro, porém, isso não se concretiza na maioria das vezes (BARBIERI, 2007). Se busca a formação de um atleta, visto e tratado como algo lucrativo (SOUZA, 2004), buscando sempre o melhor resultado (BARBIERI, 2007) e o que realmente acontece é uma prática incompatível com os interesses da idade, que tem se constituído num cenário de agressões, principalmente emocionais (MELO e colaboradores, 2007). A estrutura aonde a criança está presente atende os interesses do próprio sistema, ou seja dos técnicos, pais e dirigentes, e não os da criança (Santana, 2002).

## 6.0 CONCLUSÃO

Alguns fatores de influência no treinamento de futebol de crianças e adolescentes foram encontrados no presente estudo. Estes fatores são: idade inicial na modalidade; inserção de competições na rotina dos praticantes; avaliação dos alunos; pretensão de formar atletas profissionais; evolução dos meninos no decorrer do processo; objetivos e planejamentos realizados de acordo com a faixa etária; atraso motor e falta de vivência dos meninos com o futebol; vivência prévia com o futsal; eliminação precoce em campeonatos; especialização precoce e suas implicações; índice de lesões; ensino aliado ao treinamento através do processo ensino-aprendizagem-treinamento; papel do treinador e dos pais; educação; atribuição do sucesso na modalidade; modo como são tratados os praticantes (alunos e/ou atletas); e por fim o índice de aproveitamento e abandono da modalidade.

Vimos que o início do treinamento de futebol acontece em idades distintas variando de escola para escola. Espera-se dos profissionais, que trabalham com as mais variadas faixas etárias, que proporcionem aos praticantes atividades adequadas a sua idade, muitas delas mencionadas no presente estudo. Dentre as atividades propostas está também a inserção de competições na rotina dos atletas, sendo que as informações coletadas na pesquisa foram de encontro com as encontradas na literatura. Evidencia-se ainda o fato de que no Brasil a prática em competições está presente em idades cada vez mais precoces e isso acontece segundo Souto (2002) porque os campeonatos de diversas modalidades são realizados pelas respectivas federações. Sendo então as federações influentes nesse processo de treinamento de crianças e adolescentes.

Foi possível observar que algumas das escolinhas de futebol acabam por vezes tornando o esporte como objeto de exclusão e não de inclusão realizando avaliações iniciais, escolhendo os melhores meninos para fazer parte de suas equipes; enquanto que outras seguem a ideia da definição de escola, não privando ninguém da realização da atividade.

Todos os treinadores entrevistados na pesquisa tem a pretensão de criar atletas profissionais e isso se mostrou como um grande fator de influência no treinamento. Eles gostariam que o direcionamento para uma carreira profissional

fosse mais tardio do que acontece na realidade e atribuísram fatores contribuintes para esse direcionamento precoce que são a insistência dos pais e o sistema atual do futebol que é prematuro, especialmente no Brasil. Portanto, o fator de influência de formação de atletas profissionais está relacionado à precocidade, e esta aos pais e ao próprio sistema.

Vimos que existe a pretensão de formar atletas profissionais e muitas crianças e adolescentes almejam chegar à carreira profissional, porém, vemos que apenas 1% de aspirantes à profissão é aproveitado, em média. Isso acontece por muitos fatores, sendo que essa trajetória não é simples, e mesmo para aqueles que conseguem chegar ao profissionalismo, manter-se também se mostra muito complicado. Portanto, como são poucos os que chegam, deve existir a preocupação de fazer do treinamento e ensino do futebol algo muito maior do que apenas a busca de formação de atletas.

A evolução dos praticantes irá ocorrer durante o processo de treinamento e isso irá depender em parte dos objetivos e planejamentos estipulados pelo treinador. Todos esses objetivos e planejamentos devem ser adequados à idade dos praticantes, bem como às suas particularidades. O aumento do nível de complexidade é um fator também essencial para que a evolução aconteça e para que a motivação por parte dos alunos esteja presente.

Um dos mais notáveis resultados observados no estudo foi de que existem muitas crianças que chegam despreparadas nas escolinhas. E os fatores responsáveis por isso são a falta de vivência dos meninos com a modalidade do futebol e o atraso motor. Este atraso motor está relacionado a um contexto cultural em que as crianças hoje não são estimuladas a atividades que aumentem seu repertório motor, se atendo muito a jogos virtuais e atividades sedentárias. Portanto, há grande necessidade de intervenções nesse sentido, visando o desenvolvimento motor e intelectual das crianças através do esporte.

Alguns dos treinadores salientaram a importância do contato prévio com o futsal por parte dos meninos antes de iniciar a modalidade do futebol. O treinamento de futebol poderá ser mais efetivo e bem aproveitado se houver uma base adequada proporcionada previamente no futsal. Porém, essa base nem sempre é adequada e como citado no presente estudo, há grandes problemas com a dosagem de carga de

treinamento no futsal com crianças e adolescentes, o que pode gerar problemas com lesões e abandono precoce.

A eliminação precoce de campeonatos é para os mais jovens é vista com mais sofrimento, e isso acontece por que as crianças mais novas não possuem uma base sólida para suportar as tensões ocasionadas pela incerteza da competição, enquanto que os mais velhos têm na competição um peso maior, incluindo maiores cobranças por resultados, havendo a possibilidade de ascensão ou não a uma carreira profissional. Para minimizar os problemas advindos de uma eliminação precoce, fato recorrente no processo de treinamento de futebol, evidencia-se a necessidade de um processo adequado de treinamento desde cedo, tendo um aspecto maturacional de desenvolvimento motor e psicológico bem fundamentado.

A especialização precoce foi encontrada em três das cinco escolinhas apresentadas no estudo, sendo que alguns treinadores são favoráveis a esse princípio e outros não. Vantagens foram citadas por parte dos treinadores por conta do início precoce na modalidade tais como absorção dos conteúdos mais rápida, maior tempo de preparação, e vantagem sob outras equipes. Porém, essa especialização não é vista como determinante na formação de um atleta profissional, pois há vários outros fatores que influenciam no processo. A especialização precoce pode ainda levar a um abandono precoce, por conta da pressão vivenciada desde cedo. Enfatiza-se novamente, portanto que a modalidade deve ser fundamentada em uma iniciação esportiva adequada, para que os problemas possam ser minimizados.

A incidência de lesões na maior parte das escolas mencionadas no estudo acontece por conta do próprio contato físico da modalidade. Porém, em duas das escolinhas relataram-se problemas, sendo que em uma delas os índices de lesões são encontrados com os meninos que treinam futsal simultaneamente em outra escola, e na outra com a categoria sub-15 e sub-17. O treinamento de futsal foi apontado pelo respectivo treinador como sendo responsável pelo maior índice de lesões, porém, existe o fato de que os praticantes de futsal citados por ele, não treinam apenas o futsal, mas também o futebol; portanto, a carga de treinamento é muito elevada, e com certeza é um agravante para esse elevado índice de lesão. Na outra escola em que o problema da incidência de lesões foi observado, não foram dadas justificativas da razão pela qual esse problema acontece. Salienta-se a

importância de cada escola estar atenta a rotina de cada um de seus alunos para observar os possíveis motivos de lesões, tendo ainda um controle de carga de treinamento e realizando trabalhos visando a formação de uma base de musculatura fortalecida na fase inicial de treinamento.

O processo de ensino-aprendizagem-treinamento, uma das metodologias abordadas no presente estudo mostrou-se presente em todas as escolas de acordo com a fala dos treinadores, e segundo eles todos aplicam de várias formas. A educação, fator chave da pedagogia, está totalmente atrelada ainda com esse processo, e bons resultados foram mencionados advindos do esporte como um agente educador. O esporte é efetivo e pode ajudar no desempenho escolar e no comportamento do aluno, trazendo valores através de treinos e jogos que são transferidos para fora do campo.

O treinador é com certeza um dos fatores que mais interferem no treinamento de futebol para crianças e adolescentes, sendo este responsável por transmitir aos alunos conhecimento e valores, através de uma boa relação com os mesmos e com os demais envolvidos. Os pais foram também muito citados no decorrer do estudo, e se mostraram um dos maiores fatores que interferem no treinamento. A influência dos pais acontece tanto de maneira benéfica quanto maléfica, entretanto, neste estudo na maioria dos casos a interferência se mostrou negativa, ou seja, costumam projetar em seus filhos suas próprias frustrações. O desejo veemente de ver o filho como um atleta, faz com que os pais cobrem excessivamente por resultados e boas atuações, interferindo negativamente no desempenho do filho e no trabalho do treinador. As escolas mostraram se preocupar muito com esse fator e interferem através de políticas construídas em que não haja interferência dos pais nos treinos e jogos. A possível chave para que este fator de influência seja positivo e não negativo está na boa relação dos pais com os dirigentes esportivos, sendo ambos responsáveis pela iniciação adequada da criança na modalidade, tendo que, portanto, trabalhar juntos.

A forma como os treinadores veem seus praticantes interfere no modo como irão aplicar seus treinamentos. Alguns dos treinadores consideram os praticantes como aluno-atleta, outros como atletas, e outros como meninos. Para os treinadores, o aluno está incluído em um contexto que se manifesta pelo estágio inicial, tendo menor tempo de treinamento, e vinculado algumas vezes a um projeto social. Já

quando se considera o termo atleta, a responsabilidade do praticante é maior, tendo mais tempo de treinamento e maior comprometimento. Enquanto que o termo meninos, muitas vezes utilizado por 3 dos treinadores, revela o fato de que quem treina nas escolinhas são crianças e adolescentes do sexo masculino, e essa forma de tratamento revela que eles ainda são aprendizes.

Por fim, observou-se que o termo sucesso pode ter vários significados diferentes aplicados à mesma modalidade. O sucesso foi definido pela inserção do maior número de atletas em clubes profissionais, seleção brasileira, evolução dos alunos desde o início da trajetória, evolução através do aprendizado, autonomia do aluno ao jogar futebol e reconhecimento dos pais. Atenta-se para o fato de que para alguns treinadores a resposta inicial foi enfaticamente o maior número de atletas em clubes profissionais, tendo então outros sucessos caracterizados como sendo “menores” que incluem a evolução dos alunos. Podemos observar que os treinadores almejam pelo reconhecimento em termos de resultados, e isso acontece em parte pela necessidade que eles têm de ganhar os jogos para sobreviver comercialmente. Portanto, o próprio conceito de sucesso pode ser influenciado por fatores externos, como a cobrança por resultados.

Os fatores de influência no treinamento de futebol para crianças e adolescentes estão presentes em grande quantidade, e no presente estudo listou-se apenas alguns deles. Todos esses fatores relacionam-se entre si e apropriando-se da fala de Piccolo(1999), o futebol é e será aquilo que quem comanda quer que ele seja; portanto é de extrema importância que aqueles que o comandam compreendam os diversos fatores que podem fazer com que o futebol seja uma grande ferramenta não só de treinamento, mas de formação pessoal também.

O presente estudo apresenta a grande limitação de não ter observado a prática presente nas escolinhas através da observação da rotina dos treinamentos e esse é um ponto fundamental para a análise dos fatores de influência do treinamento de crianças e adolescentes. A amostra contendo apenas 5 participantes também pode ser vista como uma limitação, porém, isso não prejudicou a qualidade do conteúdo dos dados coletados.

Sugere-se para estudos futuros a observação da prática presente nas escolinhas de futebol com um maior número de participantes; podendo ainda ser investigado esse contexto do treinamento aplicado à praticantes do sexo feminino;

assim como a investigação da interferência do processo de treinamento do futsal para a formação de jogadores de futebol.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. **Iniciação desportiva na escola: a aprendizagem dos esportes coletivos**. Perspectivas em Educação Física Escolar, 1996.

BALBINO, H. **Pedagogia Do Treinamento: Método, Procedimentos Pedagógicos E as Múltiplas Competências Do Técnico Nos Jogos Desportivos Coletivos**. Universidade Estadual de Campinas, 2005.

BARBANTI, J. **Dicionário da Educação Física e do Esporte**. Manole, 2003.

BARBIERI, F.; BENITES, L. **Especialização Precoce: Algumas Implicações Relacionadas Ao Futebol E Futsal**. Especialização Esportiva Precoce: Perspectivas Atuais Da Psicologia Do Esporte, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70, 1979.

BARROS, E., **O Treinamento Integrado Como Meio de Especialização Esportiva Em Futebol**. Universidade Estadual de Campinas, 2008.

BAYER, C. **La enseñanza de los juegos deportivos colectivos**. Barcelona Hispano Europea, 1979.

BENTO, J.; et al. **Contextos da Pedagogia do Desporto: perspectivas e problemáticas**. Lisboa: Livros Horizonte, p. 19 – 112, 1999.

BENTO, O. **Desporto e principio do rendimento**. Guanabara Koogan, 2006.

BOLAÑOS, M.; et al. **Métodos de Ensino Nos Jogos Esportivos**. Movimento & Percepção, 2009.

BOMPA, T. **Periodização: teoria e metodologia do treinamento**. Phorte, 2002.

BRAZ, TV.; ARRUDA, M. **Diagnóstico Do Desempenho Motor Em Crianças E Adolescentes Praticantes de Futebol**. Movimento & Percepção, 2008.

COSTA, L.C.; NASCIMENTO, J. **O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas**. Revista da Educação Física/UEM, v. 15, n. 2, p. 49-56, 2004.

DEUSDARÁ, B; ROCHA, D. **Análise de Conteúdo E Análise Do Discurso: Aproximações E Afastamentos Na (re)construção de Uma Trajetória.** *ALEA*, v.7, p. 305-322, 2005.

EDUARDO, C.; et al. **Futebol Juvenil: Entre O Imaginário E a Materialidade Da Vidas Nas Categorias de Base No Brasil.** *Revista Ibero Americana de estudos em educação*, v.9, n. 2, 2014.

ENDERLE, B. **A Iniciação Esportiva No Futebol: Uma Revisão de Literatura.** Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, 2012.

FARAGO, C; FOFONCA, E. **A análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações.** *Revista Linguagem*, 2012.

Fédération Internationale de Médecine Sportive. **Treinamento físico excessivo em crianças e adolescentes.** *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, v. 3, n. 4, p. 122-124, 1997.

FILGUEIRA, Fm.; GRECO, Pj. **Futebol: um estudo sobre a capacidade tática no processo de ensino-aprendizagem-treinamento.** *Revista Brasileira de Futebol*, v.1, n. 2, p. 53–65, 2008.

FONSECA, G.; et al. **O Abandono Do Futsal Na Iniciação Esportiva.** *Revista Brasileira de Futsal E Futebol*, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Paz e Terra, 1998.

FREIRE, J.B. **Pedagogia do Futebol.** Autores Associados, 2003.

GALATTI, L. **Pedagogia Do Esporte: O Livro Didático Como Um Mediador No Processo de Ensino E Aprendizagem Dos Jogos Esportivos Coletivos.** Universidade Estadual de Campinas, 2006.

GALATTI, L; PAES, R. **Pedagogia Do Esporte: Procedimentos Pedagógicos Aplicados Aos Jogos Esportivos Coletivos.** *Revista Da Faculdade de Educação Física Da UNICAMP*, v. 6, p. 397-408, 2008.

GALLAHUE, D; DONELLY, F. **Educação Física Desenvolvimentista para todas as crianças.** Phorte, 2008.

GERHARDT, T; SILVEIRA, D. **Métodos de Pesquisa.** Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

GIL, A. **Métodos E Técnicas de Pesquisa Social.** Editora Atlas, 1995.

GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** Atlas, 1999.

GODOY, A. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais.** *Revista de Administração de Empresas*, p. 20–29, 1995.



GRECO, P. J., BENDA, R. **Da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Ed. da UFMG, 1995.

GRECO, P.J. **Iniciação Esportiva Universal. Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube**. Editora UFMG, 1998.

GRECO, P.; COSTA, I.; GARGANTA, J.; COSTA, V.; MESQUITA, I. **Ensino-aprendizagem e treinamento dos comportamentos tático-técnicos no futebol**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v. 9, n. 2, p. 41–61, 2010.

GUEDES, D.P.; BARBANTI, V.J. **Desempenho motor em crianças e adolescentes**. Revista Paulista de Educação Física, v.9, n.1, p.37-50, 1995.

HAYWOOD, K; GETCHELL, N. **Desenvolvimento Motor ao Longo da Vida**. Artmed, 2010.

HITORIA, V; PAIANO, R. **A disciplina de teoria e prática do futebol: identificando os conhecimentos dos graduandos e propondo um olhar sobre as fases do desenvolvimento**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v. 6, p. 99-106, 2007.

KUNZ, E. **As dimensões inumanas do esporte de rendimento**. ESEF/UFRGS, p. 10-18, 1994.

LAKATOS, E; MARCONI, M. **Fundamentos de metodologia científica**. Atlas, 2001.

LEONHARDT, L. **O psicólogo auxiliando na qualificação do treinador: potencializando talentos no cotidiano de um clube de futebol**. Casa do Psicólogo, 2003.

MACEDO L.; PETTY, A. L. S.; PASSOS N. C. **Aprender com jogos e situações-problema**. Artes Médicas Sul, 2000.

MAIA, A; MONT'ALVÃO, C. **Equipamentos utilizados por iatistas da classe Snipe: implicações músculo-esqueléticas a partir de uma abordagem ergonômica**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

MARQUES, A. **Crianças e adolescentes atletas: entre a escola e os centros de treino**. CEFD, p. 17-30, 1999.

MARQUES, T.; OLIVEIRA, J. M. **O treino dos jovens desportistas. Atualização de alguns temas que fazem a agenda do debate sobre a preparação dos mais jovens**. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, v. 1, p. 130-137, 2001.

MARQUES, T., et al. **Desenvolvimento motor: padrões motores fundamentais de movimento em crianças de 4 e 5 anos de idade**. Lecturas, Educación Física y Deportes, n.186, 2013.

MARQUES, T. **Desporto: ensino e treino**. Guanabara Koogan, 2006.

MARTIN, D. **Técnica deportiva e teoriz de entretiamiento**. Stadium Buenos Aires, v. 25, n. 147, p. 6-13, 1991.

MATTA, M.; GRECO, P. **O Processo de Ensino-Aprendizagem-Treinamento Da Técnica Esportiva Aplicada Ao Futebol**. Revista Mineira de Educação Física, v. 4, n.2, p. 34-50, 1996.

MATTOS, L. A. **Compendio de didática general**. Editorial Kapeluz S.A, 1974.

MELO, M., et al. **Perfil Do Profissional Que Trabalha Em Escolinhas de Iniciação Ao Futsal**. Coleção Pesquisa *Em Educação Física*, v.6, p. 149-154, 2007.

MENDES, A. **Atuação Profissional E Condições de Trabalho Do Educador Físico Em Academias de Atividades Físicas**. Universidade de Brasília, 2010.

MOMBAERTS, E. **Futbol: Entrenamiento y rendimiento colectivo**. Editorial Hispano Europea, 1998.

MONTEIRO, P.; CARDOSO, R. **A utilização de jogos educativos para o aprendizado do futebol nas categorias de iniciação sub 11**. Revista brasileira de futsal e futebol, v. 3, n.7, p. 14-24, 2011.

MORCELLI, M; et al. **Comparação Do Alongamento Estático , Balístico E Contrair-Relaxar Nos Músculos Isquiotibiais**. Universidade Estadual Paulista, 2013.

MOURA, C.; et al. **Pedagogia Do Esporte: A Importância Da Utilização Da Situação Problema No Processo de Ensino E Aprendizagem Dos Jogos Esportivos Coletivos**, 2006.

NASCIMENTO, R. **Análise Da Aptidão Física Relacionada À Saúde de Crianças Com Transtorno Do Desenvolvimento Da Coordenação**. Universidade de São Paulo, 2013.

NETO, V. **A Especialização Precoce Em Escolinhas de Futebol**. Universidade Estadual de Campinas, 1996.

OTAÑEZ, J. **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Unimep, p. 25-32, 2000.

PAES, R. R. **A pedagogia do esporte e os jogos coletivos**. Artmed, 2002.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte, Contextos e Perspectivas**. Guanabara Koogan, 2005.

PALAFIX, G. **Aprendizagem E Desenvolvimento Motor: Conceitos Básicos**. Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

PAOLI, P. **Os Estilos de Futebol e os Processos de Seleção E Detecção de Talentos**. Universidade Gama Filho, 2007.

PEREIRA, F. **Esporte escolar e necessidades pedagógicas no ensino médio.** Desporto e temas sociais, p. 155-174, 2001.

PICCOLO, V.N. **Pedagogia dos esportes.** Papirus, 1999.

POWERS, S. K.; HOWLET, E. T. **Fisiologia do exercício – teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho.** Manole, 2000.

PRETEL, R. **O Atleta de Futebol Com Menos de 18 Anos de Idade No Mercado de Trabalho Internacional: Implicações Legislativas Atuais E Uma Nova Perspectiva.** Universidade Federal Do Paraná, 2016.

RAMOS, A. M.; NEVES, R. L. R. **A iniciação esportiva e a especialização precoce: a luz da teoria da complexidade.** Revista Pensar a Prática, v. 11, n. 1, p 1-8, 2008.

RÉ, A. **Características do futebol e do futsal: implicações para o treinamento de adolescentes e adultos jovens.** Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 2008.

RÉ, A., et al. **Stress e nível competitivo: considerações sobre jovens praticantes de futsal.** Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 12, n.4, p.83-87, 2004.

REES, T, et al. **The Great British Medalists Project: A Review of Current Knowledge on the Development of the World's Best Sporting Talent.** Sports Medicine, 2016.

REVERDITO, R.; et al. **Pedagogia Do Esporte : Panorama E Análise Conceitual Das Principais Abordagens.** Motricidade, v.15, p.600–610, 2009.

REZER, R. **Reflexões Acerca Da Prática Pedagógica Em Escolinhas de Futebol.** Revista Da Educação Física/UEM, 2004.

ROMERO, F.C. **Princípios Táticos del Futbol.** De Base y de Evolución, 2006.

SANTANA, W. **Iniciação esportiva e algumas evidências de complexidade.** Simpósio de Educação Física e Desportos do Sul do Brasil, 2002.

SCAGLIA, A. **Escolinha de Futebol: Uma Questão Pedagógica.** Motriz, 1996.

SCHMIDT, R.; WRISBERG, C. **Aprendizagem e performance motora.** Artmed, 2001.

SCHMIDT, R; LEE, T. **Motor control and learning: A behavioral emphasis.** Human Kinetics, 2005.

SILVA, M; GRECO, P. **A Influência Dos Métodos de Ensino-Aprendizagem-Treinamento No Desenvolvimento Da Inteligência E Criatividade Tática Em**

**Atletas de Futsal.** Universidade Federal de Minas Gerais, v.23, n.3, p. 297-307, 2009.

SILVA, O.; et al. **O desenvolvimento da coordenação motora aplicada ao futsal na escolinha Dentinho de Leite no município de Areia-PB.** Revista Digital, 2006.

SOUTO, V. I. V. **Esporte de Competição para crianças e adolescentes: saúde ou exploração?** Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

SOUZA, ADELSON ANTONIO DE.; et al. **A Coordenação Motora No Futebol.** Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v.2, p. 97–104, 2007.

SOUZA, R. **A importância da psicomotricidade para o desenvolvimento infantil através do futebol.** Universidade Candido Mendes, 2004.

THOMAS, A. **Esporte. Introdução à psicologia.** Editora ao Livro Técnico, 1983.

THORPE, R. BUNKER, D.J. & ALMOND, L. **A change in focus for the teaching of games.** Sport pedagogy: Olympic scientific congress proceedings, 1984.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no futebol.** Hucitec, 2002.

VIEIRA, L. **Os Efeitos Do Treinamento Precoce Em Crianças E Adolescentes.** Revista da Fundação de Esporte e Turismo, 1989.

WEINECK, J. **Futebol Total. O treinamento físico no futebol.** Phorte Editora, 2004.

WILLRICH, A., et al. **Desenvolvimento motor na infância: influência dos fatores de risco e programas de intervenção.** Revista Neurociência, v.17, n.1, p. 51-56, 2009.

## ANEXO I- ENTREVISTA

### Questões Gerais

- 1) Qual é a sua formação acadêmica?
- 2) Qual é a sua idade?
- 3) Você é formado a quanto tempo?
- 4) Você está atuando na área a quanto tempo?

### Características das escolhinhas

- 5) Qual é a idade que se inicia a modalidade aqui na escolinha?
- 6) A partir de que idade há a inserção de competições?
- 7) A partir de que idade vocês avaliam os atletas?
- 8) Vocês pensam em criar futuros atletas? Se sim, a partir de que idade vocês conseguem ter esse direcionamento?

### Metodologia ensino-aprendizagem-treinamento

- 1) Há um planejamento feito de acordo com o aumento da idade dos jogadores?
- 2) Quais aspectos são importantes para que você detecte a evolução dos atletas no processo de treinamento?
- 3) Existem objetivos diferenciados ao se trabalhar com as categorias 10-12 anos, 12-14 anos e 14-16 anos? No que esses treinamentos se diferem?
- 4) Existem crianças que chegam na categoria dos 10 anos despreparadas?
- 5) Como você avalia essa transição do futsal para o futebol (da escolinha para as categorias de base) é tranquila ou desafiadora?
- 6) Como o grupo encara a eliminação precoce de campeonatos? Há variância dessa visão de acordo com a idade dos 10 aos 16 anos?
- 7) A quantidade e duração dos treinos varia dos 10 aos 16 anos?

- 8) Quanto antes o aluno iniciar a modalidade maiores são as chances de ele se tornar um atleta?
- 9) Acredita que o treinamento precoce pode ser benéfico para o jogador?
- 10) Qual a incidência de lesões nos seus atletas?
- 11) Existe um processo chamado de “ensino-aprendizagem-treinamento aonde compreende-se que o treinamento inclui os processos de ensino aprendizagem. Não existindo um sem o outro. Você acredita nisso?

#### Treinador

- 1) Quais as competências que você como técnico acredita serem necessárias para um bom relacionamento com o grupo e sucesso do mesmo?
- 2) Você acredita na missão de educar pelo esporte?
- 3) Como você conceituaria o sucesso dentro da modalidade? Esse sucesso varia de idade para idade? (dos 10 aos 16 anos)
- 4) Você considera os meninos que treinam com você como alunos ou como atletas? Por que?
- 5) Essas crianças e adolescentes conseguem chegar à carreira profissional? Você têm ideia do número em porcentagem desse índice?
- 6) Qual é a taxa de desistência daqueles que iniciam a modalidade?

#### Família

- 1) Você acredita que os pais interferem no rendimento e motivação dos alunos?